



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Maria de Fátima Queiroz de Oliveira

**Juventude, tecnologia e educação: perspectivas
para o ensino médio**

Rio de Janeiro
2011

Maria de Fátima Queiroz de Oliveira

**Juventude, tecnologia e educação: perspectivas
para o ensino médio**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

- O48 Oliveira, Maria de Fátima Queiroz de.
Juventude, tecnologia e educação : perspectivas para o ensino médio / Maria de Fátima Queiroz de Oliveira. – 2011. 88 f.
- Orientadora: Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.
1. Tecnologia educacional (Ensino médio) – Teses. 2. Professores – Formação – Teses. 3. Cibercultura – Teses. I. Grinspun, Mirian Paura Sabrosa Zippin. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

nt

CDU 371.3:6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Maria de Fátima Queiroz de Oliveira

**Juventude, tecnologia e educação: perspectivas
para o ensino médio**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: 25 de agosto de 2011.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun (Orientadora)
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Lia Ciomar Macedo de Faria
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^o. Dra. Vera Werneck
Universidade Católica de Petrópolis

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

A Deus, pelo simples fato de me fazer existir, e que nessa existência me concedeu tudo o que precisei – Uma família e amigos que me amam – para conquistar mais esse sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me capacitou para realização desta conquista.

Aos professores, colegas de curso e, em especial à minha orientadora Professora Doutora Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun, com quem muito aprendi.

Ao meu querido e amado esposo e filhos Carlos Henrique e João Gabriel, por sua compreensão e companheirismo, este que sempre foi meu maior incentivador na minha trajetória acadêmica e profissional.

Aos meus pais e irmãos, base de tudo o que sou.

A Terezinha Conde e Sr. Sinval Soares por suas palavras de ânimo durante o curso. As equipes de trabalho e direção das escolas pesquisadas, pelo carinho e atenção.

Aos alunos da United World College (Colégios do Mundo Unido – Itália). Marcela Lanza Tripoli – Brasil/ São Paulo, Davide Buffagni – Itália, Robin Tyne - Reino Unido, Gabriel Marques - Worssam - Reino Unido, Pierre Rabourdin - França Pabel Vivanco Cardenas – Peru, Jonas Pinzon Osorio – Colômbia, Anna Julia Hotter – Áustria, Eduarda Lira da Silva Nabuco de Araujo – Brasil/ Rio de Janeiro do bairro de Santa Cruz, que muito me enriqueceu durante o trabalho social do programa de estudo do colégio UWC no nível de ensino médio. Trabalho que me fez refletir e despertou o desejo de contribuir para desenvolver planos de trabalho para os jovens do ensino médio.

A vocês, pessoas marcantes em minha vida, o meu muito obrigado.

O AMIGO

*Meu computador se faz amigo
Em noites traiçoeiras,
O pensamento vagabundo
Erra sem eira, nem beira...*

*A inspiração chegar por fim
Com idéias cibernéticas
Eis que afloram em mim
Suaves divagações poéticas.*

*O Mouse é a direção.
O teclado, caneta-pena.
Sigo minha intuição
Digitando esse poema.*

*E ao juntar as palavras
Tentando algo criar,
.... minha alma vira poeta.*

(Fernanda Xerez)

“Praticar uma pedagogia diferenciada é fazer com que, quando necessário, cada aluno seja recolocado ou reorientado para uma atividade fecunda para ele. Para chegar a isso, deve-se compreender o que se passa em sua mente, ou seja, entrar na relação, instaurar um diálogo sobre o saber e a aprendizagem”.

(PERRENOUD, 2000)

RESUMO

OLIVEIRA, Maria de Fátima Queiroz de. *Juventude, tecnologia e educação: perspectivas para o ensino médio*. 2011. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

O presente século está sendo marcado pelo aceleração da tecnologia eletrônica. Nesse momento se torna imprescindível a formação e compromisso dos professores com o ensino e a escola que devem trazer em pauta as TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação). Através das relações diárias, o ser universal (o homem) pensa, sente e age a todo instante através das relações sociais de que fazem parte. As pessoas agem a partir de uma relação de trocas culturais, modificam a si mesmas, aos outros e à natureza, por esse motivo precisa haver uma educação voltada para a cidadania. O objetivo desta dissertação é contribuir para a análise dos desafios que o jovem aluno do ensino médio enfrenta hoje, o que diz o professor e a preparação que as escolas públicas oferecem para o futuro desses alunos em uma sociedade na qual a revolução tecnológica faz nascer um novo tempo e onde os valores são questionáveis, onde tudo é relativo. E seguindo esta linha de pensamento questionamos a ética na Educação, principalmente no ambiente virtual – cibersociedade -, onde as pessoas se relacionam por meios eletrônicos. Nos capítulos II e III, deste estudo se buscou analisar sobre juventude tecnologia e educação. Como esse jovem do ensino médio utiliza as TICs, o desafio da escola com esse recurso educativo, orientando e qualificando essa geração para enfrentarem o mundo cada vez mais interligado. A sala de aula perde a exclusividade, ganhando uma nova dimensão. Quem ensina não pode se neutralizar diante da forte influência lançada pelas tecnologias. O currículo e a formação docente nos faz repensar paradigmas. A educação requer políticas públicas, de formação docente, capacitando para o uso das tecnologias da informação e comunicação – TIC's, entretanto, não bastam oficinas e sim formação continuada, pois não adianta sofisticar a técnica se o professor não estiver sofisticado na alma, nos fundamentos, e não souber o que desejam os seus alunos. O estudo foi realizado com pesquisa de campo, duas escolas da zona Oeste do Estado do Rio de Janeiro, com entrevistas e questionários para 220 alunos.

Palavras-chave: Juventude. Ensino médio. TIC's.

ABSTRACT

The present century has been marked by the acceleration of the electronic technology. Nowadays, it is crucial the graduation and compromise of the teachers with the apprenticeship and the ICT must be brought to discussion at school. By means of his daily relationships, the universal being (men) thinks, feels and act all the time through the social relationships he takes part. People act from a relationship of cultural exchanges, change themselves, the others and the nature. That's the reason why it is necessary an education focused on the citizenship. The goal of this essay is to contribute for the analyses of the challenges the high school young student faces these days, what the teacher says and the empowerment the public schools provide for the future of these students in a society where the technological revolution brings to life a new era and the values are questionable, where everything is relative. And following this way of thinking, we question the ethics in education, mainly on this virtual environment – cyber society – where people communicate through electronic devices. At the chapters II and III of this essay, the aim is to analyze the youth, the technology and the education. And as the high school young student uses the ICT, the challenge of the school is to use this educational asset to guide and qualify this generation so that they can face a world that is more and more intertwined. The exclusivity of the classroom is no more or becomes limited because the school “walls” give it a new dimension. The one who teaches cannot be static before the strong influence launched by the technologies. The resume and the teacher graduation draw us to rethink paradigms. Education demands public politics, teachers' graduation which empowers them to use the information and communication technologies – ICT. Therefore, workshops are not enough, but an continued graduation, because it is useless to sophisticate the techniques if, on the other hand, there is no sophistication at the teachers' classes and on their basis, and if he does not know what he wants from his students.

Keywords: Youth. Secondary school. Technology.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	JUVENTUDE E TECNOLOGIA	28
2	A JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: CAMINHOS E DESAFIOS	37
2.1	Ensino e aprendizagem	37
2.2	Educação e tecnologia	40
2.3	Um padrão ou modelo educacional	42
2.4	Aprendizagem colaborativa	44
5.	O Ciberespaço	50
6.	Aprendizagem uso do computador e ciberespaço	47
3	CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE – DESAFIOS PARA O ENSINO MÉDIO	50
3.1.	Dados da pesquisa – Os colégios Estaduais Barão do Rio Branco e José Maria de Brito	59
	Branco e José Maria de Brito	59
3.1.1	<u>Formação Tecnológica</u>	62
3.1.2	<u>Formação Continuada</u>	63
3.1.3	<u>Fazer Docente</u>	64
3.2.	Os jovens alunos do ensino médio	71
3.2.1	<u>O Conhecimento de Informática</u>	71
3.2.2	<u>Novos Estilos de Vida</u>	73
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	82
	GLOSSÁRIO	85
	ANEXO A - Questionário	86
	ANEXO B - Colégio Estadual José Maria de Brito	87
	ANEXO C - Escola Estadual Barão do Rio Branco	88

INTRODUÇÃO

“Faz escuro ainda no chão, mas é preciso plantar,
a noite já foi mais noite, a manhã já vai chegar...
Faz escuro (já nem tanto) vale a pena trabalhar,
faz escuro mas eu canto, porque o amanhã vai chegar”
(Thiago de Mello)

A educação é uma importante área da formação humana, encontrando na contemporaneidade um novo desafio: descobrir caminhos e respostas, para atender às demandas que se abrem, tendo em vista as mudanças sociais e tecnológicas que o mundo está vivendo. Assim, a educação deve ter um papel renovador, de acordo com as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Em uma sociedade capitalista, marcada pela globalização, um novo perfil do trabalhador é exigido. A globalização é a principal característica da sociedade atual e as novas tecnologias têm um papel de destaque neste processo. Elas “devem ser compreendidas como representação da sociedade” (Moraes e Lacerda, 2000), influenciando na construção dos valores e identidades e afetando a sociedade em todas as áreas.

Segundo Toffler (2001, p.23), estamos vivenciando um período revolucionário que vai além dos computadores e das inovações na área de telecomunicações: uma nova civilização está surgindo, trazendo: “novos estilos de família, modos de trabalhar, amar e viver diferentes; uma nova economia; novos conflitos políticos; e, além de tudo isto, igualmente uma consciência alterada”. No livro “A Terceira Onda”, o autor retrata os períodos de mudanças ocorridas na humanidade e utiliza o termo “onda” para denominar cada um deles. Essas “ondas” retratam os diferentes sistemas de criação de riquezas, assinalando que a alteração da forma de produção de riqueza é acompanhada de profundas mudanças na sociedade, em todos os aspectos.

A primeira “onda” ocorreu há 10 mil anos, quando a raça humana passou de uma civilização tipicamente nômade para basicamente agrícola e sedentária, sendo o cultivo da terra a forma de produção de riqueza. A informação era restrita às autoridades e a educação se dava de modo prático. O aprendizado fundamentava-se na palavra: os mais jovens escutando os mais velhos. Do indivíduo esperava-se

apenas que tivesse um mínimo de conhecimento sobre quando e como plantar e colher, além da força física para trabalhar.

A segunda “onda” deu-se com a Revolução Industrial, quando a criação de riqueza foi alterada, convertida em manufatura industrial e comércio de bens. A produção passou a ser escalonada e padronizada, inicia o êxodo rural em busca de melhores condições e oportunidades de trabalho nas cidades. Historicamente, o trabalho escravo evoluiu para o trabalho remunerado. Os funcionários ocupavam posições seriais e tinham uma visão fragmentada do sistema produtivo, deles se exigia a disciplina, o cumprimento de instruções e a força física. Assim, eram treinados para não pensar, perguntar ou inovar. A estrutura familiar era nuclear: pai, mãe e filhos.

Por outro lado, a informação começa a ser democratizada através do desenvolvimento da imprensa escrita e falada. A Instituição escola ganha lugar próprio e reflete aquilo que acontece dentro das fábricas. A educação de massa é pensada como num processo de linha de montagem, marcada pelo mecanicismo, passividade e falta de críticas.

A terceira “onda” surgiu por volta de 1955 nos Estados Unidos e em outros países que estavam no auge do seu desenvolvimento industrial. Caracteriza-se pela (des) massificação da produção, é priorizada a diversificação, onde a individualidade é estimulada. O produto é adaptado ao desejo do consumidor, ao contrário da civilização industrial, na qual se tentava adaptar o desejo do consumidor ao padrão do que estava sendo produzido. A personalização torna-se indispensável.

Alguns autores propõem outras denominações para esta era, como: Sociedade da Informação (D. Bell) ou Era Digital (Don Tapscott), mas todos destacam o papel fundamental do conhecimento nas relações de produção e, por conseqüência, na ordem e poder mundiais.

De acordo com Negroponte (1995, p.17), nesta nova era, as transações e as comunicações humanas estão passando do físico para o digital tornando-se bytes que são armazenados em computadores e são transmitidos por redes em alta velocidade. Nas eras anteriores, a base do sistema eram os “átomos”, como o vapor ou o petróleo. Na sociedade da informação o “bit” é quem tem mais valia, tornando a informação a base da sociedade. Certamente o conhecimento estava presente nas duas primeiras etapas, mas não possuía valor próprio. O conhecimento tornou-se o meio dominante e não mais um meio adicional de produção de riquezas.

A educação, sob o influxo das mudanças do tempo presente, busca encontrar respostas, de como a escola formal (não mais um espaço exclusivo) e instituições não governamentais (ONG's) podem mediar, superar a escolarização sistematizada, que se encontra com inúmeras lacunas em favor da formação do sujeito em uma sociedade tecnológica. A velocidade que demarca as tecnologias da informação e do conhecimento oferece ao ser humano, de forma dinâmica, múltiplas maneiras de se reconstruir, também, na vida social e cultural.

“A educação ainda vem de berço?” Na sociedade contemporânea essa expressão passa da afirmação para a interrogação. As famílias mudaram, a sociedade passa por transformações. A cultura de um determinado grupo é flutuante variando por influência da globalização, a cibercultura nos faz pensar e repensar a educação.

A discussão sobre a ética na educação passa pela compreensão do contexto cultural, social, econômico e político ou os valores e princípios não se alteram durante essas novas “ondas”, que surgiram nesta geração, e as quais muitos pais /responsáveis e educadores não percebem, estão alheios?

Por outro lado, estamos conscientes de que é preciso no campo da educação fundamentos, reflexão para fazer uso da tecnologia e não usar a técnica pela técnica, como um fim em si mesmo, sendo fundamental um processo de amadurecimento por parte dos seus usuários, de modo que ocorra um entendimento acerca do que se faz, um entendimento de que nossas ações geram consequências e interferem na vida do outro, positiva ou negativamente, assim como uma via de mão dupla, em outras palavras, de forma interdependente. Nesse sentido, é que se faz necessário o uso das tecnologias de forma consciente.

Levando em conta o mundo virtual em que todos poderão se comunicar com todos e estabelecer relações, requer de nós cidadãos uma visão crítica como forma de enfrentamento da realidade posta, o que é fundamental quando se trata da conquista de nossa autonomia frente aos apelos midiáticos.

No que diz respeito a nova cultura cibernética e a necessidade de se resgatar nossa condição de sujeitos autônomos, vale ressaltar a importância do exercício da dialética que significa o confronto de idéias e conhecimentos, o diálogo com o outro, com as ciências, com outras áreas do conhecimento e a (re) elaboração, a superação.

Nesta perspectiva, há que se destacar que o conhecimento se encontra desterritorializado, indo numa direção e em outra, em forma de rede e não de rota, conforme Marco Silva (2006), exigindo do campo da educação novas posturas, principalmente, quando se trata da formação das novas gerações. Construir uma nova cultura de aprendizagem que rompa com paradigmas tradicionais e conservadores, visando mobilizar na juventude competências que atendam as demandas atuais, sem, no entanto, perder de vista a formação crítica e reflexiva. E isso poderá ser concretizado a partir de ações pedagógicas, cujo conhecimento deve ser construído em parceria, não silenciando vozes, tendo como finalidade maior não só a constatação dos fatos, mas, sobretudo, a intervenção na sociedade e sua transformação.

A partir desse pensamento, do Educador Marco Silva questionamos o tema da ética na educação, em uma sociedade onde a revolução tecnológica faz nascer um novo tempo e os valores são questionáveis, na qual tudo é relativo. Ou, há valores éticos que não são questionáveis, são princípios de vida e/ou manutenção da vida, do *status quo*? Estaria se desenhando uma nova cultura? E a escola está preparada para isso? Qual o compromisso da escola frente à realidade atual?

A nossa sociedade está vivenciando um processo de globalização que as novas tecnologias têm um papel de destaque. Para Moraes e Lacerda (2000), essas novas tecnologias “devem ser compreendidas como representação da sociedade”. À medida que marcam sua presença na sociedade, estas tecnologias afetam valores, identidades, formas de trabalho, formas de pensar e de sentir.

A quebra dos conceitos de espaço e tempo lineares apresenta novas possibilidades para a exploração de diferentes experiências, em diferentes “lugares” e “temporalidades”, rompe as fronteiras que limitavam o ser humano. Como já citei acima – o conhecimento se encontra desterritorializado, não há mais como determinar, controlar o incontrolável. Este novo período, também conhecido como Sociedade da Informação ou Era Digital, trouxe mudanças nas formas de relacionamentos entre as pessoas, novas formas de linguagem e um novo espaço: o Ciberespaço.

O Ciberespaço é definido por Lévy (1999, p.92) como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Neste ambiente virtual, as pessoas se relacionam por meios eletrônicos, informações são trocadas, os computadores estão interligados,

constituindo uma grande rede. O exemplo mais representativo deste espaço é a Internet. Um computador conectado à Internet pode acessar as informações de outros computadores que também estão no mesmo ciberespaço.

Com a Internet as fronteiras de espaço e tempo deixaram de existir, criando uma nova realidade. A facilidade de acesso às informações e a interatividade exigem mais flexibilidade e busca constante de conhecimento. No mercado de trabalho, por exemplo, só tem vez àquele que está constantemente se atualizando, se reciclando. A educação passa a ser exercício permanente devido à rapidez com que tudo acontece em todas as áreas do conhecimento humano.

Através da visão holística e rápida, própria da era tecnológica, a escola precisa estar conectada com o mundo para formar cidadãos autônomos, com consciência crítica e responsável. Estes precisam estar preparados para interpretar e criticar as informações disponibilizadas no ciberespaço, recriá-las e aplicá-las em sua realidade.

A palavra ética deriva do termo grego *ethos*, que significa modo de ser, caráter e costume. Para Marilena Chauí (1994, p.340), a ética advém do sentido grego de "caráter, índole natural, temperamento".

De acordo com Vásquez (1999, p.24), o ser humano não nasce com a ética, mas a adquire ou a conquista por hábito. A ética e a moral estão interligadas. A expressão moral deriva do latim *mos* ou *mores* e significa costume ou costumes adquiridos com o hábito. Ainda Segundo Vásquez (1999, p.14), a moral é constituída dos atos humanos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, grupos sociais ou a sociedade como um todo. A moral resulta da internalização pelo indivíduo das normas e valores do grupo a que pertence. A moral surge a partir do momento que o homem conquista a natureza social e se percebe como parte de uma sociedade.

Todo grupo social estabelece uma moral, isto é, valores que definem o bem e o mal, o que é correto ou não. Contudo, a existência de valores morais não acarreta a existência de uma ética, ou seja, de uma reflexão crítica que discute e problematize os valores morais.

De fato, estamos vivendo dentro de uma sociedade capitalista, que tem sua lógica, suas antíteses, onde o sujeito é cada vez mais individualista competitivo e empreendedor, na qual a tecnologia amplia os horizontes do homem com um grande fluxo de informações e conhecimentos.

Conhecimentos e informações que também podem por curto tempo se tornar obsoletos, dando lugar a novas tecnologias, informações e conhecimentos. O que transforma o agir e o pensar do homem.

Após período de estudo foi possível abstrair conceitos do autor Michael Bakthin, que são princípios de vida e relacionar sua fala com os valores importantes para a vida e o que vivemos hoje. Nota-se que apesar das grandes mudanças da sociedade, há valores e princípios necessários para uma convivência sadia, há um campo comum que não muda (seja na vida ou na arte, ou em um trabalho científico), que são base dentro da relação com o outro, seja na questões em que me deparo na realidade que vivo, seja na realidade - virtual. Relacionar o discurso do autor, com o trabalho que me propus sobre os novos desafios da educação para o jovem do ensino médio, me fez pensar na importância da ética para qualquer tempo e espaço, especialmente na *cybercultura*.

Faço uma observação sobre a questão ética que cito nesse estudo, a concepção de ética se refere à ontológica (ética da causa), vinculada ao ser e ao deve ser (Kant, Hegel, Aristóteles), princípio do ser, deve ser para ser. E não a uma concepção teleológica porque é uma ética da finalidade como, por exemplo, os pragmatistas (Deuley) ou os utilitaristas (John Stuart Mill) ética do resultado, relativo ao “bom é o que é útil para a sociedade”.

Para Bakthin (2003, p.23), filósofo russo, que criticava o estruturalismo formal, em seu texto “*arte e responsabilidade*”, escreve que “*Os três campos da cultura humana, a ciência, a arte e a vida só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria*” e dentro desses três campos de trabalho, há regras estabelecidas que quando quebradas não alcançam o objetivo de transmitir o que se desejou a princípio, seja na arte, ou no campo da ciência, ou na vida, deixando de ter sentido.

E é dentro desse contexto virtual que iniciamos uma reflexão sobre a ética, dialogando com os conceitos de Bakthin, segundo o qual faço baseada nesse campo comum quando o autor nos diz que quando se faz uma arte, se faz inspirada na vida, no momento que o artista ou o autor cria algo, pinça da vida. Trata-se do processo de reflexão sistematizado, que se refere à vida mas não se pode dizer que é a vida, porque a vida é sempre mais que a arte. Nem a ciência, nem a arte, e aqui incluo expandindo os campos citados de que nem os textos científicos, nem as redes sociais virtuais, é a vida, porque a vida é mais que a arte. Nem a ciência, nem

a arte, nem as questões científicas etc. é a vida, mas são, segundo Bakhtin, produções humanas “pinçadas” da vida e resumidamente escrevo sobre a ética na educação no mundo virtual, de dentro do todo da vida que vivemos atualmente, nessa dinâmica social que não pára.

Seja na ciência ou na arte há caminhos de elaboração e métodos já sistematizados, realizados por roteiros diferentes. No entanto, o que está em torno da vida e na vida, vai influenciar no desenvolvimento da arte, ou no discurso científico. No cotidiano da vida, no sentido, no significado do meu ato.

O que se constrói, seja na arte ou no campo científico, tem influência do público para quem se debruça o autor visando o produto final do seu objeto de estudo. Mas, ainda há além da influência do público, existe também a influência do próprio autor que tem de si mesmo para compor, seja nas experiências vividas ou dos conceitos construídos.

Diferente do período em que viveu Bakhtin, hoje na era virtual as fronteiras de espaço e tempo deixaram de existir. Os limites hoje estão na linha abstrata dos valores e limites que o sujeito possui de valores e princípios adquiridos pela educação.

Os grupos em geral, mesmo os mais afastados do convívio social, possuem regras e valores próprios do lugar, do grupo, do seu espaço na história. O emergir do Ciberespaço traz, como consequências naturais, novos valores, atitudes, pensamentos, costumes e práticas. Surgiram regras próprias, conhecidas como netiquetas (termo usado para regra de conduta na internet). Elas não são institucionalizadas, entende-se que os usuários as estabeleceram ao longo do tempo. Mas, como um reflexo do mundo real, no virtual há também desvios de condutas (fraudes, invasões de privacidade, pedofilia, *Cyberbulling*, pirataria, etc.), tornando-se necessário o uso da Internet com ética.

Amorim discorre: “Bakhtin distingue ato de ação. A Ação é um comportamento qualquer que pode ser mecânico ou impensado. O ato é responsável e assinado: o sujeito que pensa um pensamento assume que assim pensa face ao outro, o que quer dizer que ele responde por isso. Uma ação pode ser uma impostura: não me responsabilizo por ela e não a assino. (...) O ato é um gesto ético, no qual o sujeito se revela e se arrisca por inteiro. (pag.22).

Ainda Bakhtin cita que há intrínseco um compromisso do autor para com sua obra, ou pode-se também dizer existe uma responsabilidade por tudo o que eu penso, escrevo, faço pensando no outro e que implica o outro, seja em qualquer

campo da arte ou em um trabalho científico, ou na vida, além da inspiração, há uma produção humana a partir das relações. O autor ou o pesquisador ou o artista dialoga com seu trabalho, com seu grupo de leitor. Quando você desenvolve um trabalho, você expressa o que pensa, seja nos traços ou nas palavras. Eu assino o que eu faço, porque minha essência está contida no meu ato.

E o seu interlocutor também participa dando o valor ao autor. É necessário sempre à reflexão para não nos deixarmos agir mecanicamente, sem dar significado ou sentido ao que fazemos.

“Chama-se mecânico ao todo se alguns de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, entre si mesmas são estranhas umas as outras” (BAKHTIN, 2003, p.33).

Mesmo na dinâmica da *cibersociedade*, há que haver um compromisso para com quem eu estou dialogando, um compromisso ético com os valores que expresso nas entrelinhas do que escrevo ou produzo. *“Assinar é iluminar e validar o pensamento com aquilo que somente do meu lugar pode-se ver ou dizer [...] A assinatura é um compromisso com a singularidade e com a participação do ser”*. (p.25)

Analisando os estudos de Bakhtin, Marília Amorim desenvolve sobre o livro “Para uma filosofia do Ato responsável”, que é interessante de pensarmos dentro desse artigo, como reflexões importantes para o desenvolvimento de qualquer trabalho, como a “questão de qual é a ética do pensamento? Em que condições um pensamento teórico pode ser ético? Deve-se exigir que seja verdadeiro o conteúdo de um pensamento, mas isso não é suficiente para que ele seja ético, porque o conteúdo de uma teoria traz em si um universo de possibilidades”

Para pensar a cerca da filosofia moral e ética dentro da visão bakhtiniana, deve-se entender como que o autor conceitua e traz alguns elementos para pensar na vida. Amorim nos fala de alguns desses elementos.

“Se cada sujeito é centro de valores, os centros são múltiplos e é face a eles que devo responder com meus atos . (...) A singularidade em Bakhtin é da ordem do dever: dever para com o outro ...” Em russo a palavra ato (postupok), segundo a tradutora , se define geralmente como ação realizada de maneira intencional e tem uma conotação ética. Quanto a cultura pós moderna em que vivemos hoje, considero que se trata de uma cultura de ação, e não ato. (...) A ação pode ser técnica ou tática: enquanto técnica, ela resolve questões práticas e imediatas concernentes aos objetos e aos instrumentos de nossa sobrevivência cotidiana; enquanto tática, ela é armadilha e meio de combate para vencer o outro. A técnica é

pragmática e escapa ao domínio da ética. A tática transgride a ética, pois todos os meios são bons para garantir a vitória. A Ação não é responsável, não tem assinatura, ao contrário, nela posso justamente visar, apagar minha singularidade, fundir-me, confundir-me no que fazem e pensam os outros” (pag.39).

Na *cibersociedade*, as ações em geral são técnicas ou táticas, Percebe-se como no ciberespaço surgiram diversas possibilidades como: a interatividade, comunicação entre as pessoas e a velocidade e facilidade na transmissão de informações.

Cada vez mais a Internet faz parte do dia-a-dia dos jovens e das crianças, que devem ser orientados a agir de forma ética diante destes perigos, através da problematização de suas ações e orientados a uma reflexão sobre as implicações e conseqüências de seus atos para si e para as demais pessoas.

A palavra educação deriva de *Educare* e tem um significado amplo. É dinâmica, lidando com o ser individual e o ser coletivo. Para Vigotski (1988), teórico que estudou o homem e seu psíquico como resultado de uma construção social, a mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida. Assim não é a consciência que determina as formas de vida, mas é a vida que determina a consciência.

A educação é um processo social complexo pelo qual o indivíduo passa por toda a vida. Está inter-relacionada a muitos agentes, experiências e a diversas fontes de aprendizado. Ainda que assuma diversas maneiras, existe em todos os grupos humanos. Por meio dela, as pessoas são capacitadas a viver em sociedade.

“Não há uma forma única, nem um único modelo de educação, tampouco é a escola o único lugar onde ela acontece, talvez nem seja o melhor. A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum uma idéia ou crença àquilo que é comunitário. É uma parte do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam em sua sociedade. A educação participa do processo de produção das crenças e idéias, de qualificações e especialidades que envolvem troca de símbolos, bens e poderes que em conjunto constroem a sociedade. E nisto reside a sua força” (BRANDÃO, 1985, p. 07).

A instituição escolar é uma ferramenta “poderosa” de mudança social e dá autonomia ao ser. Atualmente de grande relevância, diante das diversas informações que exige do ser humano maior participação. A peregrinação do homem é na sua essência educativa, no entanto os resultados e os caminhos nas histórias de cada um não se pode visualizar. Pode-se até tentar prever, mediante a experiência que se tem de vida, mas não afirmar. Porque o “chão” por onde cada um anda, conta também com o que o indivíduo é, sua estrutura psicossocial e

econômica e a cultural. A escola não pode mais se fechar aos dramas de nossa realidade. A escolaridade deixa de ser concebida como mera sucessão de ensinamentos pré-determinados, planejados e válidos por si só. Seja na teoria ou na prática, a educação do futuro clama pela aproximação entre o ser e o saber, em "derrubar" os muros que separam a escola e o mundo. E trazer valores importantes como os valores que Mikhail Bakhtin nos faz refletir.

Marília Amorim em seu estudo questiona sobre "o que dizer do mundo contemporâneo e de sua hipervalorização das tecnologias"? *Da transformação generalizada da ciência em tecnociência?* (p.41). Diz ainda que:

"situar Bakhtin como moderno e distingui-lo do pensamento pós moderno traz a seguinte questão: Como ser bakhtiniano hoje? (...) parece-me que, justamente, o mundo contemporâneo, com seus valores dominantes, precisa mais do que nunca de Bakhtin e de sua filosofia moral. No entanto, dada a sua profunda diferença com esses valores, ele somente pode ser entendido como ferramenta crítica ou ato de resistência" (p. 44).

Assim, se observa ser necessário respeitar o saber do outro, construindo conjuntamente o conhecimento, pois "*ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo*" (FREIRE, 1975, p.68).

Todas as ações do homem estão permeadas de valores e crenças, direcionadas para determinado fim. Estas ações influenciam e sofrem influências do meio fazendo com que a humanidade esteja sempre em mudança. Nesse processo constante e dialético a sociedade encontra na educação, não só através da instituição escolar, o caminho para que o homem seja orientado para valores que se baseiem no equilíbrio, harmonia e preservação.

Os educadores precisam de capacitação profissional contínua, devido a responsabilidade na transformação da humanidade e porque possuem, na formação do aluno, a condição necessária para a conscientização de valores. Nota-se a importância de manter procedentes as palavras e as nossas atitudes, dentro e fora da sala de aula. As consequências de todos os nossos atos interferirão na formação e na vida do outro. "*Não posso ser professor sem ensinar os conteúdos com coerência entre o que digo e faço*" (FREIRE, 1996, p.116)".

Quanto a maturidade do educador e dos alunos/filhos, pais e responsáveis é preciso, como diz Naranjo, que passe da perspectiva da individualidade isolada e

mentalidade tribal ao sentimento plenamente desenvolvido de comunidade a perspectiva planetária. (1991, p.115).

A escola precisa estar preparada para orientar os jovens a reconhecer os perigos virtuais e como lidar com estes. Todos nós somos responsáveis pelos nossos próprios atos, por isso devemos utilizar a Internet de forma ética e legal.

O desenvolvimento do homem promove a revolução científica e tecnológica. No século XXI, já como fato global, mudaram os paradigmas de produção e transformou-se de maneira radical, o dia-a-dia das pessoas. A evolução nos padrões de se comunicar e a aplicação mundial da informática mudaram o conceito de espaço e tempo, e, portanto, também da educação. No entanto, a ética continua a ser base, princípio imutável para um bom desenvolvimento do ser humano.

A função que a escola desempenha na sociedade hoje vai além da transmissão de conteúdos e a contínua atualização do professor tornou-se fundamental. Na visão de Libâneo (1999, p.93),

“Os objetivos da escola se confundem com a ação exercida sobre crianças e adolescentes, principalmente, para torná-las aptas a viver numa determinada sociedade. A ação pedagógica é, assim, o traço de união entre o indivíduo e o social”.

A educação deverá ser, portanto, a bússola que oferece a direção, e os professores são aqueles que trazem o roteiro de como caminhar melhor e de como devem aproveitar para explorar os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Os valores essenciais e importantes que fazem parte do bem viver, em primeiro lugar para si mesmo e conseqüentemente para o outro, é que nos ensina Bakhtin.

Especialistas apresentam propostas de projetos prontos para aplicação, mas em um país com a diversidade cultural como o Brasil, com a desigualdade social lado a lado, é preciso pensar em um trabalho mais complexo e dinâmico. Projetos em que o tema seja interdisciplinar com tema transversal, promover debates e reflexões. Não só o Brasil, mas o mundo se preocupa com esse abismo. Independentemente dos motivos, não se poderá fazer efetivamente uma conscientização, uma mudança sem a participação ativa dos professores/educadores/responsáveis e sem os instrumentos necessários (capacitação e participação de todos) para uma educação com ética e de qualidade.

A atividade escolar terá melhores resultados quando estiver integrada ao mundo dos educandos. Escola e vida devem formar uma só realidade. Nota-se a importância do educador participar no que acontece a sua volta e na vida dos seus alunos; trazendo dentro dos acontecimentos citados em sala de aula, as questões da ética, moral, princípios e valores que fazem parte *sinequanum* da vida. Esclarecer e internalizar não somente os conceitos, mas os modos no qual a ética se refere, a maneira de vida ou conduta. Normas de conduta apontam para deveres. Assim é fundamental que neste novo tempo sejamos todos conduzidos a entender quão abrangentes são nossas ações e como elas se completam, estão condicionadas umas as outras e tocam, direta ou indiretamente, em cada área da vida e do comportamento humano.

A contribuição dos professores é fundamental para preparar o alunado, não somente para enfrentar o futuro com uma visão e ação crítica, mas como aquele que fará o futuro com competência, de maneira consciente e responsável.

Enquanto agente de mudança, o professor tem papel determinante na formação de atitudes e na compreensão dos alunos. A visão mais abrangente do papel do educador é decisiva no século XXI quando se observa que um novo modelo educacional está sendo desenhado em vista das necessidades que a sociedade e o mercado de trabalho apresentam. Se agora falamos em educar as pessoas como o mundo precisa, devemos compreender que esse processo, necessariamente, não será uma educação de conformismo, mas voltada à liberdade e autonomia, “pois somente baseado em indivíduos verdadeiros poderá existir um verdadeiro mundo” (NARANJO, 1991).

Na era digital a informação e o conhecimento são primordiais na formação dos indivíduos. Orientá-los a utilizar as novas tecnologias com ética é uma das nossas funções como educadores. Para isso, a importância de se repensar na ética do professor e da docência: “Pensar certo e fazer certo” (FREIRE, 1996, p.34).

Há ainda muito para se falar sobre a responsabilidade dos pais e educadores. Não se pode transferir toda a educação dos filhos para a escola, a família continua a ser a base na formação. A educação ainda vem de berço e se consolida ao longo da vida. É necessário construirmos em uma fala uníssona as respostas para essa geração, sociedade na qual emerge uma cultura que precisa estar fundamentada em valores e princípios da ética. É visível a grande importância

das regras, limites, nesta sociedade insegura, instável, assim como tudo o que se vive hoje. Temos responsabilidade sobre essa geração. E o que estamos fazendo?

A ética é uma temática que deve perpassar a prática docente, através do tratamento das disciplinas escolares, seja como tema interdisciplinar ou transdisciplinar, conforme consta nos PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais - com a finalidade de formar cidadãos mais críticos, conscientes, responsáveis, autônomos, e acima de tudo uma nação mais feliz.

Tendo em vista o contexto apresentado, surgem as seguintes questões que nortearão este estudo: Como os professores estão lidando com as tecnologias? Que recursos os professores estão adotando na internet? Qual a sua contribuição no que diz respeito à formação dos jovens e as exigências do mundo atual?

É necessário que a educação no seu sentido mais amplo, tenha conhecimento e seriedade na construção da identidade do jovem relacionadas com a aprendizagem, para que sejam adotadas práticas pedagógicas mais adequadas e consistentes para esse novo tempo. Assim como, educadores atentem para suas “avaliações pessoais”, diante dos “problemas” de seus alunos e, focalizem a dinâmica desse sujeito em seus processos cognitivos e afetivos.

A presente pesquisa buscou identificar no currículo do ensino médio, da secretaria de Educação do Rio de Janeiro, a presença das novas tecnologias, linguagem da comunicação.

Ao mesmo tempo, analisar as estratégias pedagógicas que os docentes do ensino médio estão utilizando para desenvolver um trabalho que atenda ou prepare o jovem para ingressar no mercado de trabalho; assim como, identificar as competências necessárias para um bom desenvolvimento dos alunos através da inclusão das tecnologias no currículo escolar.

Partindo desses pressupostos, o trabalho de investigação buscou dialogar com os jovens do ensino médio e com os professores da escola estadual, no sentido de investigar como estão lidando com as tecnologias, frente à formação das novas gerações, e em que podem ser úteis para sua formação acadêmica e profissional. Ao se aproximar da realidade deles, verificar como eles pensam, o que pensam, ouvir suas vozes a respeito das TIC's, buscando melhor compreendê-los.

A relevância do estudo se justifica, na medida em que a tecnologia precisa ser incorporada ao universo educacional, em função das demandas sociais para a formação dos jovens na sociedade contemporânea e, também para fazer frente aos

desafios do mundo globalizado. As políticas públicas e os docentes necessitam repensar os projetos educacionais, compreender que as tecnologias fazem parte do campo do conhecimento humano.

O estudo ancora nas contribuições de Levy (1996) porque estabelece um conjunto de conceitos que perpassa filosofia e tecnologia, tendo nas TIC's o caminho para a construção de uma sociedade mais participativa, criativa e planetária. Bem como de Grisnpun (2005) e Abramo (2000) porque tratam da questão da juventude.

Também Boaventura (2002), Vera Candau (2009), Nilda Alves (2004), Antônio Novoa (2002), foram referências importantes para discutir a formação dos professores.

Para Nóvoa (1992, p.16)

“uma concepção dos professores sobre escola é centrada na difusão e na transmissão de conhecimentos, mas é também um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de saber e de saber-fazer”

Também utilizamos, ainda, as contribuições de Marco Silva (2001) pelo trabalho desenvolvido utilizando as TIC's. O autor em seu livro “Sala de Aula Interativa” e “Educação On-line” ao se basear no pensamento de Paulo Freire, afirma que a educação autêntica não se faz de A para B, mas de A com B, mediados pelo mundo, na convicção de que o professor hoje (na sala de aula presencial e a distância) está diante de um novo espectador. O aluno da chamada "geração digital", aquela que migra da tela da tv para a do computador, exige do professor não abrir mão do plus comunicacional oferecido pelas novas tecnologias.

Tendo em vista que o pesquisador precisa estar atento ao processo da pesquisa e não só com o resultado, a entrevista e a análise de dados ajudam a ampliar o estudo, considerando que os sujeitos pensam e, sua vivência, sua vida na comunidade, na sociedade, e acadêmica, além de suas perspectivas de futuro, observando a complexa realidade onde esse sujeito está inserido.

A pesquisa realizada foi qualitativa e quantitativa – tendo como referencial teórico Menga Ludke & Marli André (2000) e Maria Cecília Minayo (2008).

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com a realidade que não pode ser quantificada e corresponde a um espaço mais profundo das relações, trabalhando com os significados.

“Na pesquisa qualitativa, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”. (MINAYO, 1994, p.51).

Tal forma de investigação, segundo Minayo (1994), além de ser indispensável para a pesquisa básica, nos permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento, visando criar novas questões num processo de incorporação e superação daquilo que já se encontra produzido (MINAYO, 1994, p.51).

Nas entrevistas e através de questionários, se têm a presença do sujeito da pesquisa. Nesse diálogo, as pessoas falam, sendo possível seriar as falas, categorizando-as. É um diálogo do pesquisador com o objeto de estudo, com a realidade a ser investigada, Bakthin afirma sobre o diálogo que “*a consideração do diálogo como uma boa amostra, um conceito - fonte irradiador e organizador da reflexão. O diálogo por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal*”, e continua, “*a reflexão bakthiniana reúne sujeito, tempo e espaço - e o diálogo o mostra de maneira modelar, mas, diferentemente de outras perspectivas, lhes conserva e releva a constituição histórica, social e cultural*” (2003, pag.117).

O diálogo com os grupos que serão investigados são importantes para buscar no objeto de estudo as respostas a que se propôs esse estudo. Usando a profundidade do conceito de diálogo de Bakthin, que o considera como um acontecimento muito além do diálogo, muito superior ao diálogo, a retórica e a lógica formal. Ainda segundo Bakthin, o diálogo é um encontro de dois mundos, de dois personagens, então como qualquer conversa que existe entre dois personagens, na verdade são mundos se comunicando. Observando o diálogo a posteriori, é possível analisar com mais propriedade as questões históricas, semióticas, psíquicas e humanas. Há que se observar a multiplicidade de dimensões que existe nos discursos.

O método de procedimento nas entrevistas foi desenvolvido com questões, que permitem aprender com os sujeitos da pesquisa: investigar, analisar e compreender como contribuir para a melhoria do ensino - objetivo. Permitirá compreender suas realidades sociais, pois a partir do dialogismo de Bakthin, será possível a interação com a realidade a ser investigada. Entende-se por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. Através da

pesquisa se alimenta a atividade de ensino atualizando frente à realidade do mundo, portanto embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, *“nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido em primeiro lugar, um problema da vida prática”*. (MINAYO,1994 pag.17).

As questões da investigação estão, portanto relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, como frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e objetivos.

1. JUVENTUDE E TECNOLOGIA

A implementação das Tecnologias da Informação e Comunicação com ênfase na aprendizagem permite interação e convivências. Nessa perspectiva, podemos dizer que estão dadas as condições para a realização da aprendizagem possibilitada pelas tecnologias da informação e comunicação.

Neste caso, a questão determinante não é a tecnologia em si mesmo, mas a possibilidade da relação das TICs no processo ensino/aprendizagem, em particular, trabalho colaborativo.

Objetiva-se estudar aqui, utilizando para tanto, sistematizações de compreensões sobre a “aprendizagem colaborativa”, entendendo-a como processo ativo que valoriza a participação na construção do conhecimento, privilegiando processos coletivos e significativos.

As tecnologias de comunicação e informação fazem parte da vivência da maioria dos nossos jovens urbanos, seja através de games, internet ou da própria televisão. Esses jovens formam a primeira geração dos anos 80, a nascer e crescer rodeada de mídias digitais.

Muito tem se falado sobre o assunto, e não é segredo que as novas tecnologias revolucionaram o planeta, mas ainda estamos assistindo aos resultados desta revolução que está apenas começando. Os jovens que têm 20 e poucos anos hoje, nasceram no início da era da informática, quando o primeiro computador pessoal foi criado, nos anos 80. A internet popularizou-se, cerca de 15 anos mais tarde, na adolescência dessa geração.

O adolescente de classe média faz pesquisas na internet, assiste à televisão, ouve música, manda mensagens pelo celular e participa de múltiplos chats e fóruns de discussão online, tudo ao mesmo tempo. Além disso, os desenvolvimentos tecnológicos mais recentes favorecem a mobilidade. Com o advento do wireless e o desenvolvimento de aparelhos e dispositivos portáteis, a rua torna-se uma extensão do universo privado. O celular ou o laptop são os portais de acesso à riqueza e multiplicidade da existência virtual. Esta mobilidade resulta em uma sensação de liberdade e percepção de que se tem o mundo inteiro nas próprias mãos.

A tecnologia se tornou a ferramenta da afirmação autônoma dos jovens no mundo e um meio desses jovens se lançarem no universo social, ainda que virtual,

um lugar onde eles exercitam critérios de amizade e onde buscam padrões de comportamento. Jovens não costumam apreciar burocracias e intermediações e, na internet, seus desejos são acessados diretamente – como exemplificado pelo rápido download de arquivos mp3. “A tecnologia parece ajudar os jovens a lidar com os dilemas típicos dessa faixa etária – identidade, personalidade, desejos e auto-expressão”, finaliza Raquel, diretora da IPSOS, Empresa de Estatística de Marketing.

O autor canadense Don Tapscott, em seu livro *Geração Digital: fala da crescente e irreversível ascensão da Geração Net*, denominou como “Geração Net” ou “N-Gen” a geração de jovens que têm as tecnologias digitais como parte integrante do ambiente que vivem. Sua pesquisa foi realizada com grupos de crianças nascidas entre o início da década de 80 e o final da década de 90, período em que as tecnologias digitais passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. Verificou-se que o contato com aparelhos que proporcionam a interatividade, como computadores, vídeo games e telefones celulares, despertou nelas grande curiosidade de saber como eles funcionam, utilizando-os massivamente. Essas crianças têm facilidade em utilizar esses aparelhos, pois para elas é como se essas tecnologias sempre tivessem existido, ao contrário da geração anterior, que precisou aprender a usá-los.

Para Tapscott (1999, p.17), essa nova geração, ao contrário da “baby boom”, não quer ser apenas espectadores, mas usuários interativos. Os jovens encontram no mundo digital a possibilidade de serem autores e co-autores, de novos espaços interativos e de aprendizagens coletivas.

A partir de pesquisas e entrevistas com 300 “N-Geners”, Tapscott verificou que estes jovens são autônomos, questionadores, abertos intelectualmente, inovadores, imediatistas, autênticos, colaborativos e empreendedores. Tais características propiciam o trabalho em equipe e a formação de comunidades virtuais. “Essas crianças já estão aprendendo, brincando, comunicando-se, trabalhando e criando comunidades muito diferentes das de seus pais” (TAPSCOTT, 1999, p 22).

Em novembro de 2006, foi realizado em San Francisco, Califórnia, o evento Web 2.0 Summit, quando se discutiu o ambiente atual da web e seus novos modelos de negócio. Neste evento foi divulgado o resultado de uma pesquisa sobre as principais características da Geração Net e de como o marketing deve se adaptar a

estes consumidores. Esse estudo foi realizado pela empresa New Paradigm, com colaboração da OgilvyOne e mais oito empresas, sobre ideologias, comportamento e psicologia desta geração.

Ao contrário de outras gerações, os consumidores da N-Gen são bem informados e confiantes em suas decisões, não se sentindo pressionados pelo marketing e pela diversidade de produtos. Ao acessarem um site de vendas, 83% dos entrevistados já sabem o que será comprado, eles são mais observadores que os consumidores de gerações anteriores, já que a maioria (60%) pesquisa informações e valores do produto antes de comprá-lo. Eles necessitam de várias opções, sem limitações de escolha.

Também foi constatada pela pesquisa que a publicidade que atrai estes jovens é rica em informação e entretenimento. Para essa geração, divertir-se usando o produto é tão importante quanto cumprir às funções as quais se destina. Este fato remete à questão do prazer. “As formas pelas quais nos “sentimos satisfeitos” são variadas, mas um dos propósitos fundamentais e constantes da existência humana é obter prazer e evitar a dor.” (COSTA, 2004, p.80).

A grande rede conectada com o mundo facilitou a aquisição de objetos, através do sistema de comércio on-line, apresentando uma variedade de opções. O “consumismo global” foi estimulado, apresentando novas formas de vestir, pensar e agir, favorecendo uma identidade comum entre pessoas de países e culturas diversas.

A capacidade que esses jovens têm em adaptar-se facilmente às novas situações e aprender com elas pode ser utilizada para modificar suas perspectivas na sociedade de mercado. Um exemplo é o aumento do número de jovens no Brasil que participam de trabalhos no terceiro setor e/ou que procuram por profissões relacionadas ao cuidado ambiental.

O ritmo acelerado de produção e a diversidade de produtos que o mercado apresenta, principalmente no setor de tecnologia, estimulam a troca de objetos constantemente, sem que o indivíduo reflita sobre a necessidade deste ato. “A moral contemporânea do prazer, como a nova moral do trabalho, dá origem à demanda por objetos descartáveis” (COSTA, 2004,p.81).

Deste modo, o emergir da internet abriu infinitas possibilidades e potencialidades incomensuráveis, atingindo nossos lares e as instituições escolares. Os pais dominavam o saber, porém, hoje os filhos são os detentores do

conhecimento, e mais, ensinam aos seus pais. Os professores se tornaram alunos de seus alunos. O ciberespaço deu às novas gerações uma posição de destaque, alterando a dinâmica do poder.

No contexto da sociedade globalizada e tecnológica, novos desafios são colocados para a sociedade e, conseqüentemente, para a educação. Novos cenários, tempos e espaços diferenciados implicam na mudança do paradigma educacional. A globalização rompeu com uma ordem geopolítica e comercial baseada nos conceitos de Estado e Nação. A sociedade industrial aboliu as fronteiras territoriais, integrou os mercados e ampliou o potencial das comunicações e a velocidade no circuito das informações. Na sociedade atual as relações sociais não mais se prendem ao contexto local, mas ampliaram-se as possibilidades de conexões globais.

Darcy Ribeiro analisa o atual contexto, afirmando:

“... as principais agências socializadoras eram a família, as religiões, a escola (nos países centrais), a política, a cultura oral e, mais tardiamente, a comunicação, sobretudo impressa; esse papel é preenchido pelo mercado global, a tecnologia informática e a indústria cultural. A televisão é o veículo por excelência de uma cultura para as massas. Nessa situação são redimensionados, à própria revelia, os espaços urbanos, familiares, religiosos, educacionais e laborais. Daí resulta um padrão civilizatório mundializado marcado pela transição entre hegemonias e pelo violento embate entre padrões “arcaicos” e contemporâneos” (RIBEIRO, 2003. p. 40).

A velocidade nos deslocamentos, na mobilidade característica da área urbana e a rapidez nos deslocamentos, próprios dos grandes centros urbanos, tornaram-se natural aos olhos da sociedade moderna. Não são apenas os homens que mudam de lugar, mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as idéias, as informações. De acordo com Ortiz, a noção de territorialidade já não se encontra associada à materialidade do entorno físico. As técnicas (como o cinema, a TV, computador, satélites) aproximam as pessoas, podendo-se “falar da existência de relações sociais planetarizadas, isto é, de um mundo real e imaginário que se estende de forma diferenciada é claro, por todo o planeta” (p.273). As técnicas citadas acima contribuiram para aproximar o que se encontrava isolado ou fixado em uma determinada unidade social particular, como o país, a aldeia ou a cidade. (2002, p 273)

Com a mundialização da cultura, “a oposição ‘global’ – ‘nacional – ‘local’, torna-se problemática” para Ortiz, uma vez que a cultura, para existir, deve se tornar uma dimensão da vida cotidiana, devendo, portanto, se localizar. Entretanto, ao se

“localizar”, ela “rearticula as relações de força dos lugares nos quais se enraíza”, e assim, “o que denominamos de ‘local’ já contém elementos do ‘nacional’ e do ‘global’”.

Segundo o geógrafo Milton Santos (1994), a palavra espaço abrange uma multiplicidade de sentidos e ao argumentar sobre a natureza do espaço como um objeto fabricado pelo homem, afirma que este é, atualmente,

“um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoados por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos, ao lugar e a seus habitantes”. (pág. 90).

Ainda segundo Santos, a história do meio geográfico pode ser dividido, de forma geral, em três etapas: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional. O meio natural pressupõe aquele que antecede às ações do homem sobre a natureza, sendo que alguns autores preferem chamar de meio pré-técnico, uma vez que a inexistência de artefatos ou de máquinas não significa que uma sociedade não disponha de técnicas. O meio técnico seria aquele “posterior a invenção e ao uso de máquinas, já que estas, unidas ao solo, dão uma nova dimensão à respectiva geografia”. O meio técnico-científico-informacional é aquele que se inicia após a segunda guerra mundial, se intensifica a partir da década de 70 e se distingue dos outros períodos, pela “profunda interação da ciência e da técnica”, (...) “sob a égide do mercado”.

Nesta sociedade contemporânea, a informação, constituída por influência decisiva dos meios de comunicação, as culturas, os processos educacionais e as competências requeridas passam por uma crise de significados sem precedentes. No centro desses novos tempos, está a rede mundial de computadores, que possibilita um fluxo de informações em diversos níveis. Tais informações, porém, vão muito além da palavra escrita, mas é formada por grande diversidade, ou seja, são: textos, gráficos, som ou imagens, arquivos de áudio ou vídeo. Essas informações transformam nossa relação com o espaço e com o tempo numa velocidade nunca antes vivenciada, dá-nos uma nova percepção de mundo, no qual nossos relacionamentos, inclusive com os saberes, convertem-se em espaços de fluxos, criando e desfazendo verdades, competências e habilidades.

O progresso atual em que se encontram as tecnologias da informação e da comunicação apresenta uma nova postura na área da educação e da cultura. Em

virtude do grande volume de informações disponíveis e sua conversão em conhecimento, que permeiam nossas relações com o saber, estão adquirindo um novo ordenamento, caminhando para o ciberespaço. Este pode ser identificado como interconexões entre redes de computadores, o que se manifesta em maior alcance na Internet. Trata-se de um território eletrônico, onde se trabalha com informações, dados e memória compartilhada através da interação, onde o espaço e o tempo não têm referência.

Este novo meio de comunicação tem a função de colocar em sinergia e interface todos os dispositivos de criação: da informação, de gravação, de comunicação e de simulação. Sem dúvida alguma de que a informação na era da digitalização tornará o ciberespaço o mais importante canal de comunicação e o principal suporte da memória da humanidade a partir do início do século que se aproxima (LÉVY, 2000, p.92).

Com o advento das redes interativas, houve o rompimento dos padrões espaciais, pois o “espaço de lugares” foi substituído pelo “espaço de fluxos” (CASTELLS, 2000). Assim, o que era concreto e palpável passa ter dimensão imaterial na forma impulsos eletrônicos. A organização física das seqüências de intercâmbio e interações intencionais, suporte das práticas sociais de tempo compartilhado é desmaterializado pelo espaço imaterial as relações sociais e educacionais conectadas em redes.

O virtual, portanto, é uma nova modalidade de ser, que devido o processo que leva a virtualização, é facilitada. Segundo Lévy, “O real seria da ordem do ‘tenho’, enquanto o virtual seria a ordem do ‘terás’, ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização” (LÉVY, 1996, p.15).

Este novo modelo de organização da informação está apoiado em quatro eixos primordiais: o tempo-real, a desterritorialidade, a imaterialidade e a interatividade. Estes aspectos possibilitam que as relações sociais sejam simultâneas e imediatas em qualquer parte do mundo, construindo uma nova percepção do tempo, do espaço e das relações sociais. O que só podia ser realizado coletivamente em lugares específicos, com a chegada do lugar virtual, pode-se experimentar solitariamente, uma nova sociabilidade, na qual todos compartilham um lugar simbólico e marcado por novas formas relacionais.

É patente aos olhos do observador, que a sociedade deste século, se caracteriza pela multiplicidade das informações que circulam e consequente acesso, que se traduz numa acelerada alteração e atualização dessas informações. Nesse contexto, é potencializada a necessária familiaridade com as novas tecnologias e contínua atualização de conhecimentos, tornando cada vez mais evidente a influência da tecnologia sobre diversos aspectos da atividade humana relacionados à aprendizagem.

A educação desse novo tempo se vê desafiada com os desajustes no qual os atuais paradigmas não mais atendem ao momento atual, frente à velocidade e à quantidade de informações. O conhecimento tornou-se dinâmico, exigindo novas conexões de fatos e informações, pois tudo está sistematizado. Os meios de produção tiveram o seu paradigma de produção em massa, substituído pela produção enxuta. Essa nova visão mostra a necessidade de um perfil diferenciado de cidadão para conviver na sociedade da informação e da tecnologia.

Todavia, é premente distinguir a informação do conhecimento. Pois, a informação, difere do conhecimento, no sentido de que ela é a matéria-prima não processada, o diamante não lapidado, enquanto que o conhecimento é a sistematização dessa informação em saberes.

A exemplo do que aconteceu na segunda parte do século XX em que fomos impulsionados por necessidade crescente de especialização nas escolas, se caracterizassem por uma maior profundidade e menor amplitude do que no passado, hoje, faz-se necessário uma menor preocupação com o acúmulo do conhecimento, e com a construção a partir de informações que devem ser pesquisadas dentro de contextos significativos e reflexões críticas.

A velocidade com que as informações circulam tornam os conhecimentos objetos de constante e precisas revisões, modificações e sistematizações. O avanço tecnológico ampliou consideravelmente o alcance e a abrangência do conhecimento compartilhado pela sociedade. Conhecimento, portanto, é o combustível incrementador das relações diversificadas da sociedade.

Na sociedade contemporânea onde a informação é parte ativa do tecido social, a disseminação de novos paradigmas científicos aliados à presença de uma economia globalizada, assim como os crescentes avanços das tecnologias digitais, desafiam e exigem dos educadores respostas coerentes e imediatas do segmento educacional. O ato pedagógico precisa ser analisado e revisto de forma estrutural

em suas concepções epistemológicas, na reformulação dos currículos e, principalmente, nas abordagens didáticas, sob pena de se tornarem ultrapassados e obsoletos, portanto, fora do contexto.

A escola é forçada a sair de sua posição cômoda e tranquila, para aceitar e conviver com o desafio gerado pelos questionamentos a que é submetida, sua compartimentalização disciplinar, suas grades curriculares tão propícias ao diálogo entre saberes, por causa das tecnologias intelectuais da pós-modernidade, com seus suportes hipertextuais, interconectados, reticulares, interativos e múltiplos. O mundo digital no qual cada navegante é um autor de seus próprios percursos questiona a escola e sua incapacidade de personalização (RAMAL, 2002, p. 15).

A tecnologia da informação conectada faz multiplicar as informações que se estende geometricamente no ciberespaço. Isso faz gerar conseqüentemente uma série de necessidades para o currículo do corpo docente, entre estas, uma nova atitude, ensinando e orientando esse jovem a aprendizagem de forma colaborativa, na investigação e na pesquisa das informações que se encontram disponibilizadas na rede.

Percebe-se que sempre que desafiado por algum tipo de crise, o ser humano sempre respondeu com soluções específicas e diretivas, e é que deve ser buscado agora, pois a abordagem pedagógica da aprendizagem colaborativa e a distância vem ganhando força cada vez maior, uma vez que a questão espaço/tempo gera um novo caminho para atender a uma sociedade competitiva e empreendedora. Se constitui, então, uma nova modalidade educacional apropriada, (EAD – Educação a Distância) para atividades coletivas em redes de produção de conhecimento nos meios digitais de comunicação, como a Internet. Como conhecimento é visto como uma construção social, o processo educativo via ciberespaço é favorecido pela participação social em um ambiente que propicia a colaboração, a avaliação e o acesso a infinitos saberes universais, não totalizáveis e ricos em possibilidades que propiciam uma visão mais ampla do objeto de estudo, amplificando, assim, a aprendizagem individual de cada membro do grupo.

Desse modo, o aprendizado colaborativo, mediado pelas tecnologias interativas de informação e comunicação, vem ao encontro à sociedade da informação como possibilidade no atendimento às demandas advindas das novas relações e percepções da realidade e produção de conhecimento. Os desafios, as ameaças e as possibilidades características da contemporaneidade exigirão, cada

vez mais, o desenvolvimento de abordagens pedagógicas capazes de desenvolver competências e habilidades e, conseqüentemente, resoluções de problemas.

Atualmente, as demandas educacionais não estão sendo atendidas a contento pela relação da prática didático-pedagógica tradicional com as novas formas de comunicação. Todos que atuam no sistema escolar devem estar preparados para dominar os meios técnicos e incorporá-los a uma prática pedagógica transformadora, cujo principal objetivo é formar um cidadão autônomo e participativo com capacidade crítica e criadora diante dos desafios que se apresentam a cada dia, de forma mais dinâmica e veloz. Devemos pensar em uma formação docente que considere a existência do ciberespaço e sua influência na disseminação de informações. Partindo dessa formação, a reflexão dos novos contornos que a escola vem adquirindo e o papel do educador diante desta realidade.

Assim acredito que este tema deve ser analisado pelos educadores, uma vez que a inserção das tecnologias na sociedade contemporânea já é uma realidade imposta e que vai além das formas tradicionais e estáticas de produção de conhecimento.

2 A JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: CAMINHOS E DESAFIOS

"É preciso valorizar a leitura em todo o percurso da formação, relacionar a teoria com a prática promover a iniciação científica e a aprendizagem criativa"
(Mozart Neves Ramos).

No momento atual, de acordo com a professora da UERJ, Mirian Grinspun, (2005, p. 5) é imprescindível um olhar para juventude objetivando destacar sua importância quanto ao processo educativo e como podem contribuir para as mudanças que pretendem alcançar na nossa sociedade. Abaixo, suas reflexões: nas questões conceituais, comportamentais e Questões de valores:

"Trabalhando/pesquisando com professores e professoras sobre os jovens e seus valores, tenho observado que inúmeros fatores estão envolvidos nesta análise seja em termos das questões conceituais (como por exemplo, o que entendemos por juventude e / ou adolescência), seja em termos de questões comportamentais (qual o comportamento esperado do jovem e como esse comportamento é construído), seja em termos das questões dos próprios valores (quais os valores, atitudes que os jovens mais se identificam). Essa tríade dá à juventude um caráter de singularidade pelo que nela se configura, mas também lhe investe um caráter de diversidade pelas diferentes abordagens que podem caracterizar o jovem, no nosso contexto atual." (GRINSPUN, 2005, p.5).

2.1 O Ensino e a Aprendizagem

Paulo Freire um grande pensador da educação afirma que,

"Ensinar não é transferir conhecimentos e conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 2001, p.25).

É nesse sentido que o aluno é sujeito de sua própria trajetória no processo de aprendizagem. Não adianta querer homogeneizar toda uma classe para que tenham supostamente as mesmas reações diante dos conteúdos. Cada aluno é uma vida que se coloca com suas preferências, suas dificuldades, seu ritmo e principalmente seus sonhos. E isso professor nenhum tem direito de mudar!

O Ensinar e o Aprender são o verso e o reverso de uma mesma medalha - a educação, é uma via de mão dupla. A educação e a colaboração são ações que estão intrinsecamente ligadas e é essencial que tenhamos a percepção dessa relação para o melhor entendimento desta ferramenta e sua melhor aplicação.

Ensinar, antes de tudo, é compartilhar com os outros o seu conhecimento, permitindo que os mesmos possam interagir com as suas idéias, aprimorando-as.

Este é o único meio de todos se beneficiarem, professores e alunos, com essa ferramenta universal.

Todavia, educar enquanto ensina é tornar o homem consciente de si mesmo, de seus deveres e direitos, de sua responsabilidade para com sua espécie. Educar é tornar o homem capaz de pensar em si e nos seus relacionamentos com os outros de modo a perceber que é impossível que ele se nutra autonomamente.

Educar é mostrar que a inter-relação, a parceria, a colaboração são fundamentais para o crescimento pessoal e da comunidade. Educar é despertar no homem a possibilidade da ação comprometida com o interpessoal e a consciência de que toda ação tem reflexo para além do pessoal e atinge os que estão ao seu redor.

Educar é permitir, aos interlocutores educativos, a dúvida, o erro, a possibilidade de revisar e alterar posições, a partir de argumentação sólida.

A palavra aprendizagem vem do latim *apprehendere* e designa a ação de aprender, tomar conhecimento (CUNHA, 1982, pg. 60). Tomar conhecimento implica, então, em ação motivada pelo saber, pelo entender, pelo perceber, pela soma dos conhecimentos. Esse entendimento traz implícita a ação de alguém, podendo ser reconhecido como sujeito da construção do conhecimento. Em sua etimologia, o “aprender” teria manifestado a idéia de aprender como ação.

O conceito de aprendizagem encerra desde sua origem maior amplitude, ao criar vínculos que favorecem intervenções, provocar o pensar e a descoberta de soluções para problemas, não sendo um processo individualizado e linear. Dessa maneira, não é apenas aquisição de conhecimentos, conteúdos ou informações.

Se considerarmos a aprendizagem como processo de escolhas compartilhadas e, daí para os processos de ensino aprendizagem, teremos, como condição inicial, o planejar de ações que estabelecem o diálogo entre o aluno e o professor. Diálogo esse apoiado em referenciais que ajudam o professor a interpretar o que ocorre em sala de aula ou em seu grupo de formação.

A própria sociedade é fonte contínua de ensino e aprendizado, porém, é na escola, que são organizadas as condições específicas para a constituição de conhecimentos tidos como edificadores do pensamento humano. Desse modo, cabe a escola, esta organização intencional, planejada e sistemática das finalidades e condições da aprendizagem a tarefa específica do ensino voltado para formação e afirmação do cidadão.

Logo vale ressaltar o que afirma Kenski (2007): “A proposta é ampliar o sentido de educar e reinventar a função da escola, abrindo-a para novos projetos e oportunidades, que ofereçam condições de ir além da formação para o consumo e a produção (p.21).”

É indispensável que a educação seja repensada e concebida, de forma que a aprendizagem não seja mais um processo de aquisição e domínio de conhecimentos, pois ela pode ser mediada pelas tecnologias disponíveis que oferecem novos desafios e possibilidades de acesso à informação, interação e de comunicação, e que também nos orientam para novas aprendizagens.

A ação de educar não se restringe a um único lugar, ou seja, tem tudo a ver com os desafios da educação contemporânea, na qual a sala de aula perde a exclusividade ou deixa de ser limitada pelos muros da escola e ganha uma dimensão universal.

Quando não há conhecimento pela informação nem liberdade pela educação, faltará sustentabilidade em tudo quanto à pessoa venha fazer. Uma pessoa que é escravizada pela ignorância está fadada ao insucesso, por estar despreparada para o enfrentamento dos desafios que dão sustentabilidade a uma sociedade.

É senso comum entre educadores de que a educação vive uma crise sem precedentes em sua história, quer seja pelos seus objetivos e finalidades de suas propostas, quer pelos procedimentos ou metodologias a serem aplicadas. Visto haver uma vinculação íntima entre educação e o contexto sócio cultural, é imprescindível haver uma revisão dos paradigmas atuais, a fim de estar consoante com os anseios da sociedade contemporânea que tem os seus desafios muito instigados e problematizados. É preciso que a educação encontre os meios para tornar a sociedade compreensível ao homem, para que conscientemente participe da solução de sua crise com seus conhecimentos e valores, sendo capaz de interferir nesta sociedade, ele sim, o personagem desta sociedade, imprimir de forma colaborativa e significativa para as transformações que se faça necessário nesta sociedade.

A educação tem lugar de destaque na formação, de profissionais, formação de técnicos para áreas cada vez mais especializadas e, por outro lado, formar pessoas que vão atuar e conviver com essas áreas. Motivados e conscientes orientados por paradigmas éticos que os mantenham no rumo e atitudes corretas

que levem a suplantarem os desafios sociais, sem perder a objetividade e a qualidade de suas ações.

Desse modo, a educação deve estabelecer princípios para estes novos caminhos, conforme Grinspun (2005):

“Princípios éticos que orientarão não só o comportamento dos profissionais, mas os princípios que orientarão as relações do homem com a natureza, do homem com os outros homens, e também, os princípios que orientarão a construção de uma nação mais justa e mais humana” (XI Encuentro Iberoamericano de Educación Superior a Distancia).

Em tempos de crise é a educação que vai à busca da valorização do ético, do conhecimento no qual o homem é o centro, protagonista fundamental dos objetos estudados. Uma ética que deverá propiciar a seus educandos compreender a aproximação desses novos campos, dos novos valores, dos novos universos que vêm sendo descobertos.

Com o passar do tempo, fica mais e mais transparente que os caminhos da ciência moderna para os próximos tempos são caminhos multidisciplinares. Os limites entre as ciências vão ficando mais tênues e imprecisos. Na própria Educação, por exemplo, percebe-se um alargamento de seus limites, onde não é permitido conceber o educando como centrado num ser humano abstrato, descontextualizado social e historicamente. A educação precisa buscar a compreensão e interpretação desse contexto para situar o educando no significado do humano e na compreensão do mundo que o abriga.

2.2 Educação e Tecnologia

Segundo Barreto (2002), a globalização tem afetado o modo de estruturar a educação escolar e de desenvolver o trabalho do docente. Inserida no processo de globalização, estão os avanços científicos - tecnológicos, cujos reflexos se fazem presentes nas salas de aula. Para maioria dos gestores e professores, os desafios que se apresentam à educação escolar precisam ser enfrentados pela recorrência às tecnologias da comunicação e da informação. Todos crêem em sua capacidade de desencadear mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem, bem como de dinamizar a lacuna entre as práticas escolares e as demais práticas sociais de docentes e discentes.

Qualidade na educação sempre demanda uma visão crítica dos programas e de conteúdos e com as novas tecnologias, um trabalho mais próximo a realidade de cada jovem, que o atraia, motive sua criatividade. E se faz mais do que necessário pensar na qualidade na formação de professores, observando esse novo público, plugado com o mundo. Observar que o currículo do professor precisa ter em seu contexto essa nova realidade a ser enfrentado na escola, no mercado de trabalho para onde esse jovem está sendo preparado.

Uma educação de qualidade pede, entre um conjunto de elementos, uma visão crítica dos processos escolares e o uso apropriado das novas tecnologias. Trata-se de um processo organizacional de curto, médio e longo prazos, que aborde os efeitos da globalização no processo educativo e persista no fato de que há alternativas às diretrizes hegemônicas que têm emanado dos centros globais de poder. Que discuta as noções de qualidade e relevância na educação, examinando possibilidades de concepções distintas das que as concebem com base em critérios tomados de empréstimo ao mercado e à esfera do desenvolvimento tecnológico. – Apresentar autores que analisem o mundo contemporâneo, com o propósito de examinar suas posições, mais ou menos radicais, no que se refere à tecnologia e ao seu impacto na escola. E finalmente, tratar da qualidade na formação de professores, buscando refletir sobre os desafios a serem enfrentados na escola, no trabalho com o currículo e na gestão.

Não se pode negar se tratar de um fenômeno de muitas faces, com influências nas áreas econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas, portanto comum a todo cidadão, de forma complexa (Souza Santos, 2002), que trazem consequências profundas no processo educacional.

Os docentes são desafiados a formar o jovem num mundo em que as linhas fronteiriças são tênues, quase invisíveis. Onde há uma inversão de valores que direcionam o educando a um processo ao mesmo tempo dinâmico, quanto contraditório no que diz respeito a sua própria formação. A educação convive com uma amplitude e multiplicidade de dados a todo o momento na educação, que os educadores são levados a procurar os caminhos viáveis para que o educando possa compreender e interpretar o seu meio. Evidentemente, há que se encontrar um paradigma que responda com mais eficiência essas questões, que respeite os diferentes valores dos alunos, seus diferentes saberes, mas sem abandonar a

importância de lhes oferecer condições reais de agirem com consciência e possibilidades, na sua sociedade.

Segundo Grinspun, devemos olhar o problema com um olhar, também, global para os fatos contextuais em que está envolvido, numa dimensão mundial, assinalando que:

a- as explosões do desenvolvimento: a população, o conhecimento, as aspirações; b- os problemas críticos : as guerras, a cultura, a tecnologia e a formação do homem; c- os conflitos profundos: o eu e o mundo exterior, a ciência e o lado espiritual, a liberdade individual e a organização social; d- as defasagens: os países em desenvolvimento e os países desenvolvidos, o conhecimento e sua utilização, o poder e sua dominação.(2005, pág. 6)

Ainda segundo a pesquisadora:

Face ao exposto, não podemos mais pensar numa educação que apenas abasteça o imediato e que não se debruce para as questões maiores que sinalizem a sua importância. É com este pensamento de buscar uma educação que subsidie a formação do aluno, nos seus aspectos pessoais e sociais, que colabore e agilize a sociedade no cumprimento de suas funções. (2005, pág. 7)

2.3 Um Padrão ou Modelo Educacional

Paradigma, em grego, significa exemplo ou, modelo ou padrão. No mundo das idéias, da Filosofia platônica, era protótipo do mundo sensível em que vivemos. Portanto, paradigma é um modelo ou padrão abstrato nesta dimensão.

Para Thomaz S. Kuhn (1978), que fez uso sistemático e consciente do termo, “*paradigma são realizações científicas universalmente conhecidas que durante certo período de tempo nos oferece além dos problemas as soluções modelares para a comunidade que está envolvida com a ciência*”(p.218).

Desse modo, o conceito paradigma tem o sentido de indicar uma série de valores, crenças, procedimentos e técnicas comumente aceitas por uma comunidade específica, podendo até significar um tipo de elemento desse conjunto, isto é, soluções efetivadas para que determinadas situações possam substituir algumas regras como base para a solução dos demais problemas da ciência normal.

Estamos falando, portanto, de um modelo, um padrão, a uma descrição que oriente o corpo docente e os leve a compreender fato explícito, quanto dimensão do desafio do ensinar-aprender contemporâneo com suas múltiplas facetas. Ou seja,

um norteador de um caminho, a partir do elenco de dados que nos oferece, neste caso específico um modelo ou padrão aceito pela comunidade educacional.

Assim como Kuhn introduziu este conceito a partir da descrição esquemática do desenvolvimento científico, identificando uma estrutura básica na contínua evolução dessa modalidade de pensamento, os educadores contemporâneos devem analisar esse desenvolvimento como uma sucessão de períodos ligados à tradição, mas que se apresentam com rupturas revolucionárias não cumulativas. A descoberta de um novo paradigma é precedida da consciência que leva ao conhecimento da existência de um erro ou falha pela natureza em relação às expectativas paradigmáticas vigentes, exatamente como está ocorrendo no momento atual.

Kuhn (1978) afirma que: “Paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” (p.219).

O que torna um paradigma forte e consiste justamente neste consenso, na força da comunidade em determinada época. Interessante, que é impossível passar de um paradigma para outro sem a ocorrência de uma crise. Enquanto perdura um padrão continua atuando dentro do antigo paradigma, é possível que certas anomalias sejam ignoradas, porque normalmente são contrárias às regras anteriormente estabelecidas. Assim, práticas já aprovadas são obstáculos e uma garantia de precisão para um novo paradigma emergente. Portanto, a crise é uma pré-condição fundamental para o aparecimento de novas regras e teorias. Consequentemente, o estabelecimento de uma crise determina que se repense sobre um novo paradigma que reorienta o quadro apresentado.

O que dá credibilidade de um paradigma alternativo e mais satisfatório, que assimila as lacunas e as anomalias em fatos esperados, determinando que o antigo está superado. Em educação, é fato comum que sejam aceitos determinadas mudanças no seu contexto pedagógico e no seu currículo, sem uma reflexão mais apurada dessas mudanças face aos paradigmas já existentes.

Segundo o parecer de Kuhn (2003, p. 85): “Tanto nos períodos pré-paradigmáticos como durante as crises, os cientistas desenvolvem teorias especulativas e desarticuladas que nos direcionam para novas descobertas”. Kuhn acredita que somente depois da articulação da experiência vivida com a teoria

experimental e com a ratificação do que foi experimentado como novo, é que teremos a passagem para um novo paradigma”.

Para o autor: “Um acúmulo de anomalias e conflitos entre fenômenos observados e a matriz inicial, pode provocar não apenas um remanejamento de alguns pontos do paradigma, mas até mesmo a substituição dessa matriz inicial” (KUHN, 2003, pg. 128).

Chamado de “revolução científica” por Kuhn caracteriza-se por uma consciência inicial de que existem anomalias e, pela mudança conseqüente das categorias de linguagem e das normas disciplinares, acompanhadas pela modificação da estrutura de percepção.

Este é o procedimento caracterizado pelo surgimento de um novo paradigma, originado nas descobertas que não se coadunam com os paradigmas já existentes, direcionando-os a alterar o modo de pensar e descrever uma série de fenômenos naturais.

Fundamentalmente, a necessidade de mudança de paradigma é uma questão de valores, que são detonados por determinados critérios externos ao procedimento vigente normal. Kuhn (2003) acredita que embora:

“os valores sejam amplamente compartilhados pelos cientistas e este compromisso seja ao mesmo tempo profundo e constitutivo da ciência, algumas vezes a aplicação dos valores é consideravelmente afetada pelos traços da personalidade individual e pela biografia que diferencia os membros do grupo”. (p.230)

De acordo com Grinspun (2005 e pag 10):

“Com este “universo” de realidades não podemos exigir que os paradigmas existentes, em educação, respondam a tantas novas frentes que se abrem no nosso dia a dia. O que precisamos pensar para este novo paradigma pode ser respondido através das seguintes questões: - o que terá acontecido que mereça modificar os paradigmas existentes? - como se relacionam os fatos novos e como serão arrolados em outros paradigmas? - quais os juízos de valor que fundamentam essa “ruptura” na busca de novo paradigma? - a partir de que critérios será estabelecido esse novo paradigma? - como articular as preocupações imediatas da educação com as perspectivas mais avançadas da área? - de que forma o novo paradigma será aceito pela comunidade científica? - como os critérios, os eixos paradigmáticos levantados passam a se constituir em “verdades” para a maioria dos educadores?”

2.4 A Aprendizagem Colaborativa

Um dos caminhos que a pesquisa percorreu foi o enfoque acerca da aprendizagem colaborativa, definido por um processo educativo no qual um conjunto

de métodos e técnicas de aprendizados e estratégias de desenvolvimento de várias competências, será utilizado em grupos estruturados que estão diretamente relacionados à aprendizagem. Embora pareça recente, segundo a pesquisa se verifica que já foi testado por professores, pesquisadores desde o século XVIII, mas somente em 1990, ganhou popularidade.

Nessa metodologia, cada membro do grupo é responsável pela sua aprendizagem e pela dos outros elementos, pela promoção de uma rede de interações sociais em que professores e alunos são envolvidos para a construção de um objetivo comum, no qual a colaboração e a avaliação de todos são essenciais, onde o conhecimento é visto como um constructo social. Assim ocorre com a aprendizagem colaborativa assistida por computador (CSCL – *Computer Supported Collaborative Learning*) que se utiliza da mesma estratégia educativa e dispõe os recursos da informática para serem usados como mediadores do processo de ensino-aprendizagem. Tudo visando que nestes ambientes de aprendizagem colaborativa haja riqueza de possibilidades e proporcionem aos participantes do grupo um crescimento substancial.

Tem-se por ação colaborativa, portanto, o sentido de “fazer junto”, de trabalhar em conjunto em interação, não havendo composição hierarquizada do grupo. São docentes e discentes caminhando concomitantemente uma via de duas mãos na busca da construção de um paradigma educacional que atenda satisfatória e plenamente o preenchimento de cada uma das lacunas existentes no ensinar e aprender através da escola atual.

De acordo com Barros (1997):

“Colaborar (co-labore) significa trabalhar junto, que implica no conceito de objetivos compartilhados e uma intenção explícita de somar algo – criar alguma coisa nova ou diferente através da colaboração, se contrapondo a uma simples troca de informação ou de instruções” (p. 227).

No seu sentido mais lato, educar colaborativo, é ensinar concomitantemente aprendendo, ou seja, educar enquanto se vive aquilo que se esta ensinando. Porém, para se obter um trabalho “colaborativo”, a participação no processo do aprender é primordial para a definição deste conceito.

Para Dillenbourg (1999), a aprendizagem colaborativa é uma situação de aprendizagem nas quais duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas. É preciso construir e manter a premissa de que colaboração não visa

uniformização, mas a heterogeneidade que possibilita novas formas de relações entre pares.

Ainda que as TICs tenham suas especificidades e orientem para novas aprendizagens, é preciso não abrir mão dos pressupostos da necessidade de aliar os objetivos do grupo. De trazer para junto o suporte tecnológico proporcionado pela interação possibilitada por essas tecnologias. Trata-se da construção de um processo interativo e dinâmico, porém, protegido e orientado pelos modelos credíveis de ética e atuação responsável.

Sob esta ótica, Garcia (2001), destaca que: “O mundo da educação não pode ignorar esta realidade tecnológica nem como objeto de estudo e, muito menos, como instrumento para a formação de cidadãos que já se organizam nesta sociedade através de ambientes virtuais.” (pg.61).

É extraordinariamente surpreendente o nível de desenvolvimento científico-tecnológico atingido no século passado. E o domínio que sofreu mudanças mais radicais, foi a comunicação e houve alterações irreversíveis do modo de processar informações. Para uma sociedade que se quer integrada ao mundo globalizado, o uso dos meios midiáticos, como a televisão, o rádio, os computadores, a internet e a mídia escrita, tornou-se um fator indispensável.

De acordo com levantamento feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), existem 32,1 milhões de usuários de internet no Brasil. A pesquisa mostrou que 21% da população de 10 anos ou mais de idade acessaram pelo menos uma vez a Internet em algum local (domicílio, local de trabalho, estabelecimento de ensino, centro publico de acesso gratuito ou pago, domicilio de outras pessoas ou qualquer outro local) por meio de microcomputador.

O que é de fundamental importância para os educadores é que dentre essas pessoas, 13,9 milhões são estudantes, o que significa dizer que 35% dos estudantes brasileiros são usuários de internet no Brasil, percentual significativo para se considerar a internet como um elemento importante no contexto educacional. Não pode ser ignorado que os alunos que hoje chegam à universidade fazem parte da *geração web*. Todas as crianças nascidas na década de 1980 cresceram tendo acesso à internet. Elas tiveram alteradas a formas de ensino e aprendizagem. Portanto, é indispensável considerar as TICs e o novo aluno com ela relacionado, procurar modos efetivos de aprimorar a educação que advém dessa nova modalidade de ensino.

Evidentemente, que o fato dos alunos cada vez mais estarem especializados em computadores, encontrarem professores que muitas vezes não são sequer usuários de informática, traz à tona uma dificuldade ao corpo docente, que ainda está a procura de se ajustar para aplicar as TICs adequadamente em suas aulas. Embora esta seja uma importante ferramenta pedagógica, nota-se uma ansiedade muito grande do docente se confrontar com alunos que podem conhecer essa tecnologia, visto a muitas impossibilidades de buscarem melhor preparo.

É consenso entre os educadores que em tempos de hipertextos não tem lógica considerar o professor como única fonte de conhecimento, o eixo pedagógico se desloca e é ampliado. Agora, é fundamental a interação entre os saberes que chegam às classes por diferentes fontes, claro, mantendo-se prudente orientação docente. A interferência do professor numa sala de aula interativa, o aluno tem de ser guiado, orientado e não mais receber um conhecimento de forma passiva. É indispensável ter uma ação voltada para a organização desses vários conhecimentos que chegam simultaneamente e, pensá-los consciente e criticamente. É chegado o momento de aceitar um modelo (re) construcionista por ser vital para que a escola desenvolva de forma mais coerente a realidade contemporânea. É neste contexto, que se busca de novos ambientes de ensino, e se observa a tendência à aprendizagem mediada por computador, especialmente colaborativa.

2.5 Aprendizagem, uso do computador e ciberespaço

Para Lévy (1993m 2005), o ciberespaço é a designação do universo das redes digitais, um espaço no qual “todo elemento de informação encontra-se em contato virtual com todos e cada um”.

O ciberespaço, porém, vai muito além de mídia ou um meio comum de comunicação. Por sua capacidade de integração de uma incontável quantidade de interfaces e mídias, as comunicações como os *chats*, *eforuns*, *weblogs* e *wikis*, podem estruturar um ambiente virtual de aprendizagem universal, abrindo-se um universo de perspectivas tais que permitirá conectar-se com redes sócio-técnicas do mundo inteiro ao mesmo tempo, permitindo a formação de comunidades virtuais para fins específicos.

Não obstante, o enorme desafio que representa o ensino e a aprendizagem mediada por ambientes virtuais, AVA, certamente permitirá criar várias informações e conhecimentos e socializá-los através de conteúdos apresentados de forma hipertextual, mixado, multimídia.

A introdução da informática no processo educacional propicia a aprendizagem assistida por computador que apresenta como principal vantagem a aprendizagem colaborativa que tem como característica a dinâmica de grupos que pode alcançar objetivos qualitativos mais ricos em conteúdo, na medida em que se trata da ação conjunta de propostas e soluções de professores e de vários alunos do grupo, o que dinamiza o desenvolvimento de informações compartilhadas e a responsabilidade sobre sua veracidade, criando-se a oportunidade de desenvolver-se entre os alunos de uns serem, também, professores de outros, estabelecendo-se uma responsabilidade mútua sobre a relação ensino-aprendizagem. Enriquecendo a aprendizagem como uma atividade eminentemente social. O que possibilita, em tese, solucionar uma tendência atual ao sentimento de isolamento e temor exacerbado à crítica, aumentando a autoconfiança, a auto-estima e a integração social do grupo.

A interatividade entre os participantes dessa modalidade educacional será absolutamente importante na construção de pesquisas, descobertas de novos desafios e soluções dos mesmos. Santos & Okada (2004) também acreditam ser aqui onde reside o maior desafio de se criar e intervir nos processos de políticas públicas e na produção e socialização de interfaces livres e gratuitas para que mais e melhores interações possam emergir na sociedade da informação e do conhecimento. Segundo eles, para que assim ocorra, devemos:

- “Criar sites hipertextuais que agreguem intertextualidade, conexões com outros sites ou documentos; intratextualidade, conexões com no mesmo documento; multivocalidade, agregar multiplicidade de pontos de vistas; navegabilidade, ambiente simples e de fácil acesso e transparência nas informações; mixagem, integração de várias linguagens: sons, texto, imagens dinâmicas e estáticas, gráficos, mapas; multimídia integração de vários suportes midiáticos;
- Potencializar comunicação interativa síncrona, comunicação em tempo real e assíncrona, comunicação a qualquer tempo – emissor e receptor não precisam estar no mesmo tempo comunicativo;
- Criar atividades de pesquisa que estimule a construção do conhecimento a partir de situações problemas, onde o sujeito possa contextualizar questões locais e globais do seu universo cultural;
- Criar ambiências para avaliação formativa, onde os saberes sejam construídos num processo comunicativo de negociações onde a tomada de decisões seja uma prática constante para a (re) significação processual das autorias e co-autorias;
- Disponibilizar e incentivar conexões lúdicas, artísticas e navegações fluidas.” (pág. 2)

Levando-se em conta a relevância do estudo dos autores tendo em vista as novas relações do ensino-aprendizagem em ambientes virtuais e novos métodos de ensino, compartilho a visão de que o uso do CSCL (*Computer Supported Collaborative Learning*) e o AVA apresentam ser vantajosos para a relação ensino e aprendizagem, porém, para este seja uma boa aplicação desses novos recursos pedagógicos, observa-se a necessidade de uma avaliação constante do uso de modos hipertextuais em sala de aula. Outro desafio, sempre presente, é garantir que essa modalidade de ensino que permite ao aluno o contato com diversas informações disponibilizadas em várias mídias, portanto, uma sala com vários recursos, carregue consigo também a certeza e garantia do sucesso de aprendizagem. O que cabe ao professor, nesta interação professor/ tecnologia/ aluno, a responsabilidade por esse bom desempenho do processo.

Silva (2000) cita Lévy (1993) que sustenta que devemos “aprender com o movimento contemporâneo das técnicas”. Estas novas técnicas, por si só, já se constituem em grandes aliadas dos educadores, todavia, aprender com este movimento contemporâneo é, sem dúvida, uma dos mais recentes desafios do professor, de quem se espera não somente, que aprenda adequar-se à nova situação práticas interativas que proporcione ao aluno uma proveitosa relação com este ambiente de aprendizagem, que se configura como um novo ambiente comunicacional, em função da possibilidade que se abre para construção de uma maior interação social promovida pelas TICs.

3 CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE – DESAFIOS PARA O ENSINO MÉDIO

“Praticar uma pedagogia diferenciada é fazer com que, quando necessário, cada aluno seja recolocado ou reorientado para uma atividade fecunda para ele. Para chegar a isso, deve-se compreender o que se passa em sua mente, ou seja, entrar na relação, instaurar um diálogo sobre o saber e a aprendizagem” (Perrenoud, 2000).

O livro, série Cultura, Memória e Currículo (volume 2) organizado por Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo, traz o artigo “Currículo: debates contemporâneos, discutindo os primórdios dos estudos do cotidiano escolar, trazendo a metáfora da “caixa preta”, que revela uma escola distanciada da realidade.

“essa idéia deve ter surgido, ainda, da metáfora da “caixa preta” da mecânica e da tecnologia lógica. Tem a ver, também como o momento em que a chamada “teoria dos sistemas” aparece e ganha hegemonia, sob a influência marcante das origens da administração (escolar e educacional, entre tantas) o que indica a decisiva importância de reformas originadas da cúpula do sistema educativo para mudanças nos processos educativos de escolas, sem que o que se passava lá dentro importasse muito, apenas sendo “verificado” e verificável a partir dos resultados de saída dos alunos. Do ponto de vista oficial, podemos afirmar que essa idéia continua mais hegemônica no mundo inteiro hoje.” (Alves, Nilda, 2005 p.78)

É importante rever as práticas pessoais, repensar paradigmas pelo olhar da educação, visando uma formação autônoma. Enfim, aberta a essa nova situação, e alicerçando adolescentes e jovens para um novo tempo.

Com o ciberespaço, passamos a viver em “rede”, ou seja, o que fazemos gera conseqüências, interferindo na vida dos outros. Faz-se necessária a visão holística e a transformação de postura de cada um, passando da “perspectiva da individualidade isolada e mentalidade tribal ao sentimento plenamente desenvolvido de comunidade a perspectiva planetária”. (NARANJO, 1991, p.115).

Logo, ser professor (a) no século XXI significa enfrentar desafios. Desafio maior de quem se propõe a formar futuros professores. É preciso retomar aos assuntos mais atuais na sala de aula, sem com isso ignorar os temas clássicos, sem ignorar questões que ocupam cada vez mais espaço nas discussões educativas. O impacto das novas tecnologias de comunicação e informação, a busca por propostas pedagógicas mais coletivas para contribuir na melhor formação do profissional de educação, na cibersociedade.

Stephen J. Ball cita que,

“cada vez mais as políticas sociais e educacionais estão articuladas e legitimadas explícita, direta e, muitas vezes, exclusivamente em função do seu papel em aumentar a competitividade econômica por meio do desenvolvimento das habilidades, capacidades e disposições exigidas pelas formas econômicas da alta modernidade.” (2004, p.1109).

No período anterior, a formação dos profissionais era baseada na especialização, quanto mais se conhecia um problema, menos se entendia a interligação deste com o meio em que estava inserido. O novo profissional não deve mais ser apenas “o” especialista, mas saber lidar com diferentes situações, resolver problemas imprevistos, ser flexível, multinacional e estar em constante aprendizagem.

No entanto, “a globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica de ‘sociedade’ como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se encontra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço” (GIDDENS, 1990, p.64, apud HALL, 1997, p.72). Segundo HALL (1997, p. 67-68), a globalização trouxe novos conceitos de tempo e espaço, afetando as identidades culturais, cujas características homogêneas e unificadas são alteradas para laços cada vez maiores com o restante do mundo.

No portal do MEC e o programa salto para o futuro, encontra-se diversos artigos que são importantes rever nesse capítulo visto se referir às novas maneiras de ensinar, aprender e desenvolver o currículo ao integrar diferentes tecnologias à prática pedagógica voltada à aprendizagem significativa do aluno, especialmente quando se trabalha com projetos. Sob essa ótica, o aluno, sujeito ativo da aprendizagem, aprende ao fazer, levantar e testar idéias, experimentar, aplicar conhecimentos e representar o pensamento.

Segundo a introdução desse mesmo artigo, fala-se de Tecnologia, o que cabe ao professor: criar situações que provoquem os alunos a interagir entre si, trabalhar em grupo, buscar informações, dialogar com especialistas e produzir novos conhecimentos. Para isso, o fundamental é que o professor possa observar e dialogar com seu aluno para compreender suas dúvidas, inquietações, expectativas necessidades, e, ao propor atividades, colocar em negociação as próprias intenções,

objetivos e diretrizes, de modo que desperte no aluno a curiosidade e o desejo pelo aprender.

Evidencia-se assim que o trabalho com projetos inverte a lógica do currículo definido em grades de conteúdos temáticos estanques, induzindo o professor a colocar em jogo as problemáticas que permeiam o cotidiano. As questões e os conceitos do senso comum que emergem no diálogo com o aluno são então transformados em questões e temas a serem investigados por meio de projetos. Porém, no trabalho com projetos há de se ir além da superação de desafios, buscando desvelar e formalizar os conceitos implícitos no desenvolvimento do trabalho para que se estabeleça o ciclo da produção do conhecimento científico que vai tecendo o currículo na ação.

Portanto, é fundamental que o professor compreenda as potencialidades, as implicações e as exigências do desenvolvimento de projetos em sala de aula, nos quais os alunos são sujeitos ativos da aprendizagem, procurando propor estratégias e reflexões que contemplem a autoria dos alunos e preservem a função essencial da escola: o desenvolvimento da autonomia do ser humano, a produção de conhecimentos e a construção da cidadania.

A concepção educacional norteadora da incorporação das TIC na sala de aula que fundamenta os artigos deste capítulo enfatiza a compreensão e a reconstrução do conhecimento para a busca de alternativas às problemáticas contextuais e a transformação da realidade, de modo que se propicie a aprendizagem mobilizadora das dimensões cognitiva, social e afetiva dos alunos.

Portanto, os artigos não se coadunam com o ensino instrumental, que se restringe ao espaço delimitado pelas fronteiras disciplinares, tampouco pode ser considerado como agregado a uma única disciplina ou se direcione ao estudo de tecnologias em si mesmo. Da mesma forma que não se restringem aos limites disciplinares, os artigos focam concepções e práticas pedagógicas que se apóiam e integram distintas mídias e fontes de informação, tais como livros, vídeos, revistas, jornais, publicações na Internet, contatos via e-mail, uso de enciclopédia em CDRom, software de referência, programas televisivos e outros.

Nos artigos pontuados abaixo, apresenta-se o conhecimento tratado em sua unicidade, articulando em si mesmo distintas áreas do saber e, ao mesmo tempo, evidenciando as especificidades de cada área, uma vez que só se consegue integrar conceitos de distintas áreas quando se conhecem tais conceitos e se identificam

suas propriedades, características e especificidades. Neste capítulo, os artigos enfatizam a integração de distintas tecnologias ao trabalho com projetos em sala de aula, sem perder de vista o currículo que se vai compondo no desenvolvimento da atividade.

O artigo *Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações*, de Maria Elisabete Brisola Brito Prado, traz à tona a discussão sobre como conceber e tratar a conexão entre os distintos cenários em que se trabalham projetos na escola, mantendo a coerência conceitual entre estes de modo que sejam reconstruídas novas formas de ensinar e aprender que incorporem distintas mídias e conteúdos curriculares dentro de uma abordagem construcionista(...). Segundo Valente (1999) o construcionismo "significa a construção de conhecimento baseada na realização concreta de uma ação que produz um produto palpável (um artigo, um projeto, um objeto) de interesse pessoal de quem produz".

Na pedagogia de projetos, o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento. Portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações – que tem como centro do processo a atuação do professor – para criar situações de aprendizagem cujo foco incida sobre as relações que se estabelecem nesse processo, cabendo ao professor realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo a partir das relações criadas nessas situações. A esse respeito Valente (2000) acrescenta: "(...) no desenvolvimento do projeto o professor pode trabalhar com [os alunos] diferentes tipos de conhecimentos que estão imbricados e representados em termos de três construções: procedimentos e estratégias de resolução de problemas, conceitos disciplinares e estratégias e conceitos sobre aprender".

Com as lentes e as câmeras voltadas em outra direção, Laura Maria Coutinho, no artigo *Aprender com o vídeo e a câmera*. Para além das câmeras, as idéias, traz importante contribuição à pedagogia de projetos, fazendo um zoom sobre a integração entre linguagens e mídias, propondo um diálogo que ilumine e articule as distintas formas de expressão propiciadas pelas características de cada uma delas, quando se permite aos alunos o uso de distintas tecnologias como protagonistas de suas produções.

José Armando Valente, em seu artigo “Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador: o papel do computador no processo ensino-aprendizagem,” analisa as questões técnicas e pedagógicas envolvidas no uso das TIC na educação, mostrando que o grande desafio das novas tecnologias que vão ficando velhas sem que tenham sido devidamente apropriadas pelos professores é que o surgimento de outras tecnologias poderão causar impactos imprevisíveis. Há de se investir na preparação de professores para que possam compreender as características constitutivas das tecnologias disponíveis para combinar e integrar adequadamente o conhecimento técnico com propostas pedagógicas inovadoras.

O artigo de Ezequiel Theodoro da Silva intitulado “Revalorização do livro diante das novas mídias. Veículos e linguagens do mundo contemporâneo: a educação do leitor para as encruzilhadas da mídia” mostra a importância da educação para a cultura das mídias e da resignificação de tecnologias convencionais diante do surgimento constante de novas tecnologias. Embora a comunicação por meio da escrita se vá transformando com a disseminação dos novos meios de comunicação e informação, a prática da leitura criteriosa continua indispensável e imprescindível para compreender as linguagens veiculadas pelas distintas mídias e adentrar criticamente as informações que permeiam a vida cotidiana.

Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, em seus artigos “Prática e formação de professores na integração de mídias” e “Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias”, explora três aspectos fundamentais para a formação de professores relacionados com a compreensão das contribuições propiciadas pela integração de distintas mídias à prática pedagógica: registro de intenções, processos e produções; integração de tecnologias e mídias de acordo com suas características constitutivas; identificação de conceitos mobilizados nas atividades e nos projetos.

No artigo “Ciência da natureza, matemática e tecnologia. As novas tecnologias e sua expressiva contribuição para o ensino das ciências no Ensino Médio,” Vera Lúcia Duarte de Novais vislumbra no uso das TIC na escola as alternativas para o professor superar o distanciamento entre as demandas sociais e sua atuação, explorando as possibilidades de acesso instantâneo a informações atualizadas e a resultados de pesquisas oriundos de variados locais e instâncias produtoras. Assim, a escola pode se conectar com o mundo, o professor pode

acompanhar a evolução das ciências e orientar adequadamente o aluno para que atribua sentido aos conceitos em estudo e compreenda a relevância social dos conhecimentos de distintas áreas da ciência.

Beatriz Corso Magdalena, no artigo Ciência da natureza, matemática e tecnologia. A integração como padrão comum entre as ciências da natureza e a tecnologia, propõe mudança radical nas grades curriculares e no trabalho pedagógico, que passa a ter como eixo as dúvidas e as indagações dos alunos em função de hipóteses levantadas sobre a realidade. Neste trabalho, o envolvimento do aluno, sujeito ativo e construtivo, é viabilizado no desenvolvimento de projetos de aprendizagem cooperativa e resolução de problemas com o uso de TIC.

Na mesma direção proposta por Beatriz Corso Magdalena, Maria Elizabette Brisola Brito Prado, no artigo “Articulações entre áreas de conhecimento e tecnologia. Articulando saberes e transformando a prática”, evidencia que na resolução de problemas ou no trabalho com projetos, há de se identificar e compreender os conceitos e as estratégias envolvidos, bem como proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades.

Tais atividades, com o uso das TIC, permitem explorar as novas formas de interpretar e representar o conhecimento.

A Estratégia de projetos, e os artigos citados, são exemplos de que há planos para trabalhos, há profissionais que tem pensado no processo do ensino, no entanto todo e qualquer planejamento requer recursos humanos, o que se percebe ser um déficit no sistema de ensino, principalmente sentido no ensino médio.

Na busca de “caminhos” e estratégias pedagógicas que atendam a demanda do ensino, como o novo PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do ensino médio, que visa melhorar a qualidade do ensino, enfrenta a falta de recursos humanos e de estrutura social e econômica para atender a um país nas dimensões do Brasil, e o resultado se percebe na pesquisa do IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Numa escala que vai de 0 a 10, o MEC (Ministério da Educação) fixou a média 6, como objetivo para o país a ser alcançado até 2021.

O indicador que é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar (ou seja, com informações enviadas pelas escolas e redes), e médias de desempenho nas avaliações do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). O índice é divulgado a cada

dois anos. Criado em 2007, o IDEB serve tanto como diagnóstico da qualidade do ensino brasileiro, como parâmetro/base para as políticas de distribuição de recursos (financeiros, tecnológicos e pedagógicos) do MEC. Se uma rede, por exemplo, obtiver uma nota muito ruim, ela terá prioridade de recursos.

Abaixo podemos observar como se apresenta as últimas avaliações o quadro do ensino médio com nota média 3,6, revelando o menor crescimento: teve apenas variação de 0,1 em relação ao último índice divulgado, em 2007. De 2005 a 2007, a nota do ensino médio teve o mesmo aumento: foi de 3,4 para 3,5 conforme nos mostram os quadros:

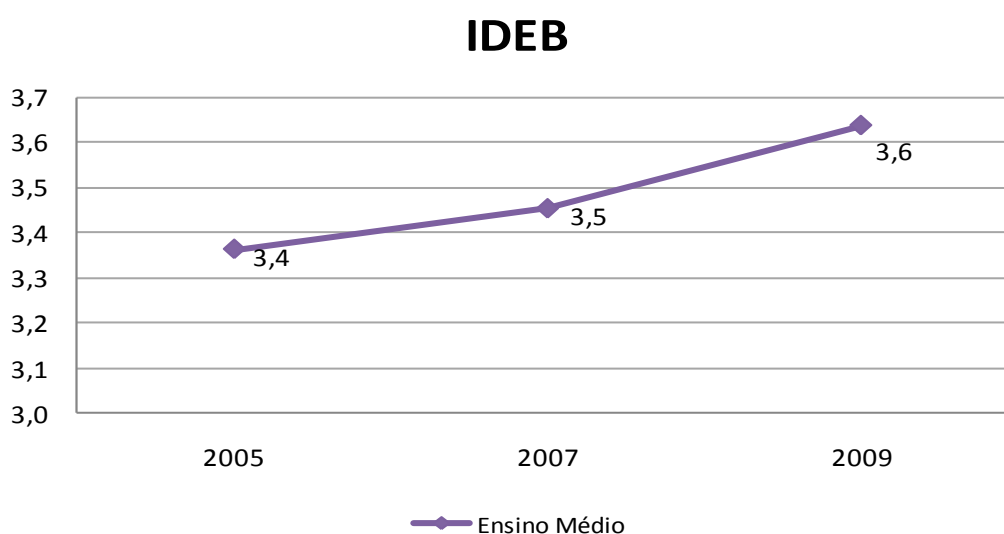
Dados Gerais 2009 / Prova Brasil/SAEB

Fig. 1 Fonte Mec/INEP

- ✓ Ensino Médio
 - 750 Municípios
 - 1.644 Escolas
 - **56.307 alunos**

IDEB – Ensino Médio

Fig.2 Fonte Mec/INEP

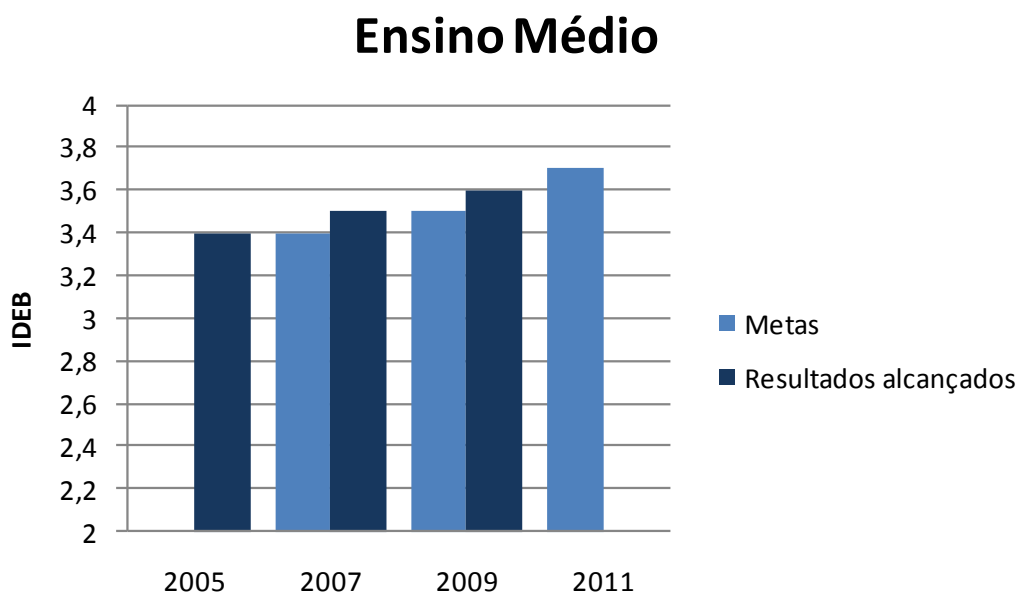


IDEB – Anos Finais

Comparando os dados dos últimos índices, com o que observamos hoje, nas escolas visitas, pesquisadas, não houve mudanças até o momento.

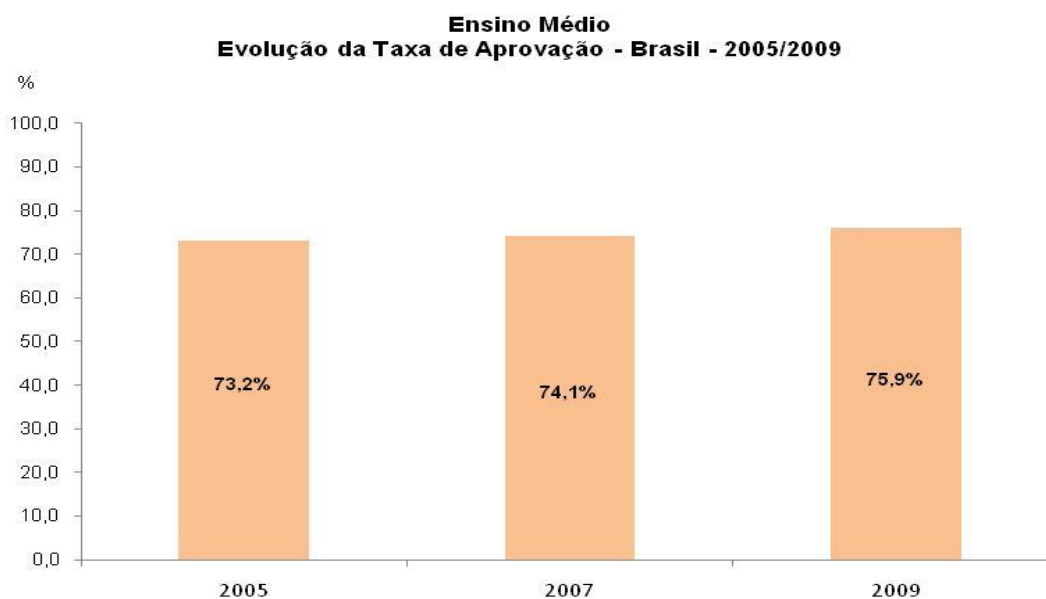
IDEB – Projeção das Metas

Fig. 3 Fonte MEC/INEP



Rendimento Escolar-Taxa de Aprovação

Fig.4 Fonte MEC/INEP



Fonte: MEC/Inep

Fig. 5 Fonte Mec/INEP

ESTADO RIO DE JANEIRO

IDEB Observado					METAS PROJETADAS					
2005	2007	2009	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
2,8	2,8	2,8	2,8	2,9	3,1	3,3	3,7	4,1	4,4	4,6

Apesar de uma projeção se verifica que os dados mesmos para 2021 estão longe das metas educacionais dos países desenvolvidos.

Hoje o jovem brasileiro tem consciência da importância dessa etapa do ensino para sua inserção no mercado de trabalho, tão competitivo. Que exige não só o diploma do Ensino Médio, mas um bom nível de conhecimento para uma sociedade onde as informações se multiplicam e tudo se torna obsoleto em um espaço curto de tempo.

Wanda Engel, superintendente-executiva do Instituto Unibanco, em entrevista, fala sobre esse assunto: “a sociedade brasileira parece ainda não ter-se dado conta da verdadeira crise de audiência que vem afetando nosso ensino médio, com previsíveis consequências para o desenvolvimento sustentável do país. Trata-se de uma verdadeira bomba-relógio”(…). E continua descrevendo a situação dizendo “estamos perdendo esses jovens para o desemprego, para a reprodução da pobreza (22 % dos mais pobres já tem filhos) e para a violência. Dos que concluem apenas 9% (Em matemática) e 24% (Em português) apresentam um desempenho considerado adequado.” Pensemos então, na questão tecnológica no ambiente da rede pública.

3.1 Dados da Pesquisa - Os Colégios Estaduais Barão do Rio Branco e José Maria de Brito

A construção do prédio do atual colégio Estadual Barão do Rio Branco, foi iniciada pelo prefeito Pedro Ernesto, e somente terminada em fins de 1945. O projeto primitivo destinava-o à instalação de dormitórios e refeitórios para os alunos da antiga Escola Técnica Secundária de Santa Cruz (Princesa Isabel).

Em fase final de construção, foi o plano inicial modificado e adaptado para o funcionamento de externato.

O Ginásio Esportivo foi construído posteriormente, durante a administração da Prof. Edmée Jacques da Silva, sendo então prefeito o Marechal Mendes Moraes.

O decreto – lei nº 8473, de 27/12/45, do excelentíssimo Senhor Presidente da República, criou dois ginásios, o Benjamim Constant, a ser situado em Santa Cruz (Matadouro), nos fundos do edifício da Escola Técnica Princesa Isabel e o Barão do Rio Branco, em Madureira, onde atualmente funciona a Escola Normal Carmela Dutra.

Era então prefeito do Distrito Federal o Dr. Filadelfo de Azevedo. Em 25/01/1946, foi baixado o decreto 8444 que regulamentava o funcionamento de ambos os ginásio no regime de externato masculinos.

Com a criação da ESCOLA NORMAL CARMELA DUTRA, em 1948, a maioria dos alunos foi transferida para a ESCOLA TÉCNICA VISCONDE DE MAUÁ, e os outros para o então

GINÁSIO BENJAMIN CONSTANT que passou a se chamar GINÁSIO MUNICIPAL BARÃO DO RIO BRANCO, conforme consta no decreto e da portaria abaixo mencionados:

1) Decreto nº 9445 de 01/12/48, publicado no Diário Oficial de dezembro.

2) Portaria nº 35 de 31/01/49 – M.E.S que estabelece o seguinte:

O ministro da Educação e Saúde, atendendo ao que consta no processo 9905/45 - E. S. resolve:

Art. Único; o Ginásio Benjamin Constant a que se refere a Portaria Ministerial 143, 26/02/46, co sede no DF, passa a denominar-se GINÁSIO MUNICIPAL BARÃO DO RIO BRANCO – Assinado CLEMENTE MARIANI.

Até 1947, na secretária geral de educação e cultura, existiam apenas três ginásios gratuitos, o primeiro deles, o Barão do Rio Branco em Santa Cruz e os outros integrantes a organização de ensino / Normal Carmela Dutra.

Assim, a rigor, até 1947 dispunha a Prefeitura (Guanabara) de um único ginásio gratuito, considerado como estabelecimento de ensino secundário propriamente dito.

Por ato assinado a 11.10.1952, o Ginásio passou a denominar - se Colégio Municipal Barão do Rio Branco (hoje Estadual), de acordo com o art. 138, da portaria ministerial nº 501/52.

Atualmente, o Colégio Estadual Barão do Rio Branco oferece a modalidade de ano ensino médio de 1ª a 3ª séries. Tem como Coordenadora Pedagógica Sônia Barbosa de Almeida Diretora–Geral a Professora Márcia Fátima da Silva Rocha e as Diretoras Adjuntas Professora Maria Neide da Silva Dantas e Hortência Pinto da Silva, funcionando em 3 (três) turnos:manhã, tarde e noite.

O Colégio realiza projetos junto com a comunidade como:

- 1) Pré Vestibular Social – (CEDERJ)
- 2) De olho no óleo (grupos Gerdau e Grande Rio)
- 3) Agenda 21 – Meio ambiente e Cidadania – UERJ
- 4) Revista Época na Educação.
- 5) Banda Marcial

A Banda Marcial do colégio Estadual Barão do Rio Branco foi reativada no ano de 1996 com o objetivo de proporcionar uma melhor integração dos alunos ao ambiente escolar e a sociedade. Dentre suas principais apresentações está o Festival de Bandas e Fanfarras do Parque Playcenter em São Paulo e festividades de fim de ano no bondinho de Pão de Açúcar. Atualmente o maestro é o Sr. Isaías Oliveira dos Anjos e coreógrafo Felipe Ramos de Souza. Hoje a corporação conta com 65 componentes distribuídos entre Corpo Coreográfico e o Corpo Musical.

A Instituição tem como filosofia “tornar o ser humano, um ser crítico, autônomo, ético, disciplinado, coerente. Que a educação está a serviço da transformação da sociedade”

Diferente da história do Colégio Barão do Rio Branco, o Colégio Estadual José Maria de Brito fundado em 30 de novembro de 1967, foi difícil encontrar quem contasse a história da escola, localizada no centro de Itaguaí.- Rio de Janeiro.

Segundo os poucos relatos o colégio trabalha em regime democrático, com propostas de levar os alunos a desenvolverem suas capacidades e aprenderem os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais.

Atualmente possui um total de 84 funcionários, sendo 46 professores, 17 do apoio, 5 da equipe pedagógica e 16 terceirizados.

A escola atende a comunidade em três turnos: manhã, tarde e noite e oferece os cursos de: Ensino fundamental e ensino médio. Ensino fundamental com 335 alunos e Ensino Médio com 545 alunos, com um total de 880 alunos distribuídos em 26 turmas, sendo que 9 turmas no 1º turno, 9 turmas no 2º turno e 8 turmas no 3º turno.

O seu ato de criação consta nos decretos 1306 de 30.11.67 / Decreto 15009 de 28.01.71 e decreto 32709 de 20.01.03.

A maior dificuldade encontrada na pesquisa foi exatamente a falta de um dos atores que seria o professor da área da tecnologia da informação. Nesse contexto, as entrevistas foram realizadas com os professores presentes das Instituições de Ensino, Com os que se disponibilizaram a responder.

Nos dados da pesquisa se observou que professores e alunos trouxeram respostas com similaridades, entre o pensamento dos professores e as expectativas dos alunos quanto ao ensino/aprendizagem contemporânea. Sem dúvida estamos diante da geração da “informação”. O grande desafio da escola, portanto, é transformar esta gama de conhecimento que chega aos jovens por este “mar” de informação, em efetiva educação que os torne melhores cidadãos, melhores pessoas, melhores profissionais.

No Colégio José Maria Brito a professora da disciplina de matemática quando questionada sobre de como acredita contribuir para a formação do aluno na área tecnológica? Respondeu que era investindo nos seus sonhos. Motivando-os a estudar, aplicando os conteúdos de forma lúdica e dinâmica, inserindo no cotidiano. Mas pensa que necessitaria haver interesse próprio e intervenção familiar para levar o jovem a uma consciência crítica .

E as maiores dificuldades citadas por professores para a formação desses jovens que estão no ensino médio na área tecnológica seria a falta de profissionais capacitados nas unidades escolares. E o que facilitaria seria tornar os recursos mais atrativos para alunos e profissionais de educação. Segundo a professora há o

laboratório de informática, mas os alunos não têm acesso. Fala dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) que são importantes porque dão base, fundamentos para exercer um bom trabalho. Completa ressaltando que os docentes podem desenvolver nos alunos o hábito da leitura para que maiores informações e conhecimentos lhes sejam acrescentados. Os professores vêem como negativo os jovens não terem visão do mercado de trabalho. Cita que o laboratório não é usado e quando um ou outro professor os leva, os jovens ficam entrando na sala de bate-papo.

Independentemente do quanto esteja engajado, em muitos casos, o professor se encontra meio confuso e dividido, originando crenças do senso comum “todas as tecnologias, do giz ao pincel atômico, passando pela informática pode contribuir na educação”, sintetiza um professor em entrevista na Escola Estadual Barão do Rio Branco.

“No que se refere às TICs, creio que a maior dificuldade é o modo como elas vêm sendo implantadas nas escolas do estado”, e o que tem facilitado “é a boa vontade e dedicação dos professores e a naturalidade com que ambos, professores e alunos, utilizam-nas”, ou ainda, acreditam que a escola esta bem estruturada em relação a tecnologias para atender os alunos, “entretanto, diversos outros fatores alheios a ela, como a rede, velocidade de conexão, e falta de professores de informática, impedem o uso das TICs”, daí “não atender a todos os alunos”.

3.1.1 Formação Tecnológica

Como destaca NOVOA:

“As transformações das práticas docentes só se efetuam na medida em que o professor amplia sua consciência sobre a própria prática. Reformas gestadas das instituições, sem tomar os professores como parceiros/autores, não se concretizam. Por isso, apontam para a importância de se considerar, nos processos de formação/desenvolvimento/valorização profissional dos professores, o desenvolvimento pessoal (produzir a vida do professor), o desenvolvimento profissional (produzir a profissão docente) e o desenvolvimento organização/institucional (produzir a escola)” (NOVOA, 1992, p.87)

Assim a descrença e falta de perspectiva dão lugar a afirmações otimistas confirmadas em suas falas: A área tecnológica contribui com a formação do aluno,

“atualizando os conteúdos da matéria, propondo pesquisas realizadas na internet”. Quanto às dificuldades encontradas pelos alunos, “muitos alunos não têm acesso a internet, pois não possuem computador em casa e, os da escola não são suficientes”.

É senso comum entre os professores, que os PCNs são “um material excelente de apoio para os professores, pois atualizam e integram conteúdos (interdisciplinares), mas, às vezes desconhecem a realidade dos alunos de rede pública”. Já no tocante à formação do docente e a inserção das novas tecnologias em sua prática educacional dizem, “ainda há muito que melhorar. Enquanto uns vêem a tecnologia como uma grande aliada para o currículo escolar, para outros, seria mais um sistema cheio de falhas que atende apenas uma pequena parcela do alunado”.

Segundo Marco Silva essa é uma prática clássica do Tipo: “Um para todos e que nos dias atuais não há como negar as Tecnologias na vida dos jovens, daí, a necessidade de se criar um espaço colaborativo, da aula interativa”. (2002, p.220)

Em Sala de Aula Interativa, o autor discorre sobre as questões relacionadas à interatividade e suas implicações na educação. Abre um diálogo a respeito das impressões, conceitos, preconceitos e aplicações da interatividade. Convida-nos a pensar complexo, na qual a interatividade aparece como um processo de reconfiguração das comunicações humanas. Nesse contexto a internet é apenas mais uma possibilidade de interação e a lógica da distribuição é substituída pela lógica da comunicação. Reflete também sobre o papel do emissor e do receptor, que em tempos de interatividade, inclusive a mediada pela internet, perde a linearidade e a barreira que os limita.

3.1.2 Formação continuada

“Face ao futuro que nos espera nenhuma referência, nenhuma autoridade, nenhum dogma e nenhuma certeza se mantém. Descobrimos que a realidade é uma criação compartilhada. Estamos todos pensando na mesma rede. Tal é a nossa condição desde sempre, mas o ciberespaço a apresenta diante dos nossos olhos com tamanha força que não podemos mais dissimulá-la. É chegado o tempo da responsabilidade.” (LEMOS 2008, p.13)

Mais do que em qualquer outra época, o momento atual reclama que profissionais competentes, tanto em termo de título como em prática sejam convidados a contribuir teórica, prática e eticamente nos espaços educacionais.

Existe a necessidade do profissional do ensino estar instrumentado a desenvolver a sua práxis em conformidade com as exigências sociais mais amplas, ou seja, é preciso que esteja apto a acionar um ensino que corresponda à formação do educando, de modo que esta esteja compatível com os avanços que se descortinam nas múltiplas atuações sociais.

A cada dia que passa a cada olhar sobre e para a educação, percebe-se que os profissionais do ensino são cada vez mais cobrados. Cobranças estas, que vão desde a eficácia do seu trabalho, bem como exigências quanto a uma formação mais sólida e representada por títulos acadêmicos e total familiaridade com o advento da tecnologia e suas conseqüências ao social.

Certamente, que isso requer que o educador esteja atento, aberto e participe a todas e a quaisquer oportunidades que o levem a ascender tanto no plano pessoal, profissional, cognitivo humano de sua atuação. E em especial tratamento à docência, à formação continuada, ao constituir-se pólo para uma dinâmica social de formação contínua, se faz apelo para que os conhecimentos sejam compartilhados, contribuindo significativamente para a melhoria na qualidade da prática educativa,

Desse cenário, nascem propostas que reclamam do professor, mais que estar presente em sala de aula, entretanto, convidado a ver a sua profissão como algo a ser zelado e adubado com muito preparo teórico.

Para Rubem Alves, há uma distinção entre professor e educador, ao afirmar que, *“professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda uma vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”* (apud FERACINE 1998, p. 50).

Vendo o professor por essa ótica, fica claro, que ele tem um papel social a cumprir, papel este, que se delimita a *“provocar “conflitos intelectuais”, para que, na busca do equilíbrio, o aluno se desenvolva”* (FREITAS, 2005, p. 95).

3.1.3 Fazer Docente

“Ser sujeito de ocorrências no contexto de pesquisa e prática pedagógica implica conceber a pesquisa-formação como processo de produção de conhecimentos sobre problemas vividos pelo sujeito em sua ação docente. A pesquisa-formação contempla a possibilidade da mudança das práticas, bem como dos sujeitos em formação. Assim, “a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação”. (NÓVOA, 2004, 15).

Cabe ao professor criar situações que provoquem os alunos a interagir entre si, trabalhar em grupo, buscar informações, dialogar com especialistas e produzir novos conhecimentos. Para isso, o fundamental é que o professor possa observar e dialogar com seu aluno para compreender suas dúvidas, inquietações, expectativas e necessidades, e, ao propor atividades, colocar em negociação as próprias intenções, objetivos e diretrizes, de modo que desperte no aluno a curiosidade e o desejo pelo aprender.

Evidencia-se assim que o trabalho com projetos inverte a lógica do currículo definido em grades de conteúdos temáticos estanques, induzindo o professor a colocar em jogo as problemáticas que permeiam o cotidiano. As questões e os conceitos do senso comum que emergem no diálogo com o aluno são então transformados em questões e temas a serem investigados por meio de projetos. Porém, no trabalho com projetos há de se ir além da superação de desafios, buscando desvelar e formalizar os conceitos implícitos no desenvolvimento do trabalho para que se estabeleça o ciclo da produção do conhecimento científico que vai tecendo o currículo na ação.

Durante as entrevistas o discurso de uma jovem resumiu a fala de todos os outros colegas: *“Na minha escola temos uma sala de informática, com computadores, mas temos um grande problema, não podemos usar, pois não tem um professor que possa nos levar pra usar a sala, os professores querem ir para escola, dar aula e ir embora”, “(...)na escola estamos com uma barreira muito grande, pois para as coisas do projeto andar temos que ter a ajuda dos Professores, e a maioria não quer nem saber o que está acontecendo na escola. Assim fica muito difícil o ensino melhorar, eles dizem que os alunos que não querem nada, mais eles mesmos é que não ajudam. **

Portanto, é fundamental que o professor compreenda as potencialidades, as implicações e as exigências do desenvolvimento de projetos em sala de aula, nos quais os alunos são sujeitos ativos da aprendizagem, procurando propor estratégias e reflexões que contemplem a autoria dos alunos e preservem a função essencial da escola: o desenvolvimento da autonomia do ser humano, a produção de conhecimentos e a construção da cidadania. Caso contrário desenvolver qualquer trabalho pedagógico será “minado” com atitudes como a citada pela aluna.

Em contrapartida os professores expressam sua vivência em sala de aula, nos depoimentos dados em entrevistas: eles não fixam na questão da tecnologia,

porque falam que há uma situação social muito maior, de base, que não está sendo vislumbrado para que seja bem sucedido o processo educacional. A pesquisadora ali era o “ouvido” que esses profissionais desabafavam.

E me questionou o professor, *“será realmente deficiência nos estudos atualmente ou é o sistema errante ou falhas do comportamento causadas pelo descaso das famílias?”*

Sou professor de matemática, numa escola da rede pública Estadual (...) e ando estarecido com tudo o que tenho presenciado e vivido em relação ao comportamento dos alunos de tal instituição. Vejo a preocupação com muitas coisas no sistema, mas não vejo de fato a preocupação em formar o ser. Estes alunos estão chegando a Instituição para o Ensino Médio com deficiências provocado por um decreto da administração municipal anterior que previa aprovação automática para todos os alunos indistintamente, tão somente tivesse o saldo exigido de presenças (75%). Tal método, associado com um prêmio chamado “Bolsa Família”, que beneficia as famílias dos alunos que atingem o saldo mínimo de presença, teria acarretado tamanha deficiência no estudo das crianças que tornara impossível o acréscimo de qualquer outra informação, mínima que fosse dentro de seu nível ou abaixo dele.(...) .

Porém, uma coisa é não saber; e outra, bem diferente, é não querer aprender. É aí, então, que entramos no quesito que tem sido alvo de minhas análises há não pouco tempo: o comportamental. Comecei a perceber que, não diferente dos demais alunos já por mim analisados, os alunos daquela IE, possuem um comportamento que posso chamar de delinqüência inicial, pois nada justifica tais atitudes que vejo. Percebi que os alunos apresentam três identidades comportamentais que se diferenciam gradualmente, indo de mal a pior, na seguinte ordem: quando estão a sós com os pais, quando estão a sós com o professor e quando se agrupam com seus colegas.

Mas o problema todo é que na maior parte de seu tempo eles estão junto com seus colegas, atitude que lhes faz exibir a pior de suas identidades.

* Marielli (aluna do ensino médio)

O procedimento didático seja o lúdico, jogos e brincadeiras que levam o aluno a migrar para o conteúdo desejado, até tentei, porém não foi bem sucedido porque, primeiro: esse procedimento tem o objetivo de introduzir o conteúdo, gerando dúvidas e discussões, para serem depois solucionadas pelo professor; e/ou segundo: fecha a matéria, fazendo com que os alunos a fixem melhor. Bem, a segunda colocação não pode proceder, pois, como pode-se fixar aquilo que ainda não se aprendeu?

Quanto à primeira, ocorria sempre que, em cinqüenta minutos de aula, trinta minutos mal davam para organizar a turma em círculo, distribuir o material do jogo e explicar as regras. Quando enfim conseguia-se isso, os vinte minutos restantes, como já é de se esperar, não são suficientes para dar andamento ao jogo, terminá-lo, recolhê-lo e identificar quantas peças os alunos esconderam em seus bolsos e/ou jogaram pela janela.

Não ouvem nada do que eu disse, ou tentei dizer, pois estavam muito ocupados fazendo casinha e prédios e também brincando de tiro ao alvo com as peças do material que usei para trabalhar com eles. Dessa maneira concluí que não é possível fazer nenhum tipo de trabalho com tais alunos sem antes corrigir suas graves deficiências comportamentais.

Foi vedado aos alunos e pais o acesso à escola pelo portão da garagem por estarem praticando vandalismo com os carros dos funcionários; por isso foi feita para cada funcionário uma chave desse portão. Certa vez, ao adentrar a escola por ali, um professor foi abordado por uma aluna e sua mãe que, desavisadas, pediram para entrar por ali. Ao serem informadas da proibição, pasmem: a mãe da aluna passou a desacatar e “xingar” o professor. Logo, com um exemplo desses, o que pode-se esperar dessa aluna? Afinal, como diz o ditado: “Quem sai aos seus não se degenera”.

Seus comportamentos vão daí ao seguinte:

Nunca fazem o trabalho de casa; quando faltam aproximadamente quinze minutos para terminar a aula começam a lembrar ao professor contumazmente da hora; jogam bolinhas de papel uns nos outros; xingam o professor com palavrões pesados; ficam ouvindo músicas no celular com o fone de ouvido durante a aula; levantam-se de seus lugares e, de pé, ficam batendo papo com outros colegas como se não tivesse professor em sala de aula e, quando são chamados atenção pelo

professor, na melhor das hipóteses sentam-se depois que terminam o assunto; alguns se dão ao luxo de esquecerem-se de levar cadernos e/ou esferográficas para a escola; são extremamente vagarosos ao copiar o conteúdo e, quando o professor tenta estimular-lhes a trabalhar sua agilidade, na melhor das hipóteses o tratam com desdém, e ao terminar de copiar, alguns perguntam ao professor se é para fazer os exercícios, o que, mediante resposta positiva do professor, não fazem (alguns nem perguntam, simplesmente não fazem); quando encontram o professor pelos corredores ou até mesmo em sala expõem palavrões, palavras de ameaça, de descaso e, ao perceberem que isso não o está afetando, proferem palavras discriminatórias, e também contra a integridade pessoal ou familiar do professor; dançam hip hop na hora da aula; uma escola recém construída está toda pichada e com seus vidros quebrados; quando a inspetora não lhes deixa sair por falta de autorização, eles simplesmente pulam a cerca diante de seus olhos (em abril de 2011, numa dessas, um aluno ao pular, prendeu seu anel no cume da cerca e teve seu dedo dilacerado, ficando quinze dias ausente da escola).

Temos casos lá de casais de alunos de treze e quatorze anos que já viveram maritalmente e já se separaram, esses tem deficiência em Língua Portuguesa e, em Matemática, pouco dominam sobre as quatro operações fundamentais. Essa menina me procurou para pedir ajuda e eu disse-lhe que ela precisava de uma alfabetização, matemática e que eu podia dar-lhe.

Uma vez resolvi fazer um teste: combinei com alguns alunos cujos comportamentos estavam dentro dos padrões normais que se sentassem sempre na frente, prestassem bastante atenção, em caso de dúvida perguntassem e expliquei-lhes o porque. Comecei a trabalhar com eles um reforço do mesmo conteúdo que eles estavam vendo no seu ensino regular, dando-lhes atenção especial tanto quanto eles me possibilitavam. No final do bimestre o resultado foi aquele que eu já esperava: conseguiram reverter suas situações e muitos deles até tiraram nota dez. Bem certo é que se os professores não forem generosos ao elaborar a prova tanto quanto ao corrigi-la pouquíssimas notas serão diferentes de zero. Mas é dessa situação que esses referidos alunos conseguiram sair, ou seja, já estão dentro de um padrão aceitável.

Com esse resultado tive plena certeza que o problema, na verdade, não é a falta do lúdico, nem tão pouco o professor colocar um nariz de palhaço e pintar a

cara de branco e vermelho . O problema é aquele que vem de casa, dos pais, das leis e do sistema: é disciplinar e comportamental.

Se continuar assim não demora e estaremos vendo adultos correndo e gritando pelas ruas:

SOCORRO!!! SOCORRO!!! ALGUÉM NOS PROTEJA!!!!!!!!!!!!!! ”

Outra professora também relata:

“Eu observei ao longo de um ano no trabalho no Ensino Médio que esse jovem aluno, é oriundo de escolas públicas municipais com grande defasagem no aprendizado, já que foram vítimas de um sistema de aprovação automática. Geralmente são filhos de mães que os tiveram durante a adolescência e possuem baixa renda mensal e habitam em periferias. Demonstrem pouco interesse em se desenvolver, sentem a falta de professores para atender as disciplinas básicas. Estão estudando naquela instituição, pois o “Sistema de Matrícula” que a SEEDUC (Secretaria Estadual de Educação) utiliza aloca os alunos por proximidade da residência; desta forma, grande número de alunos pedem transferência de Escola. Mas, nem todos conseguem transferência, ou por falta de vagas, ou pelas outras opções de escolas serem distantes de suas residências, o que é desestimulante.

Permanecendo, desta forma, num curso que efetivamente não os interessa. Isto gera bastante indisciplina e desinteresse, o que provoca uma quantidade de reprovação significativa (principalmente no 1º ano do Ensino Médio).

A participação da família destes alunos junto à escola é ínfima.

Em contrapartida, existem alunos que verdadeiramente desejam estudar e se empenham neste novo espaço de construção de conhecimento.

Sua vivência no estado , o que você como profissional sentiu tudo isso?

Os alunos, em sua maioria, são carentes tanto de recursos, quanto de afeto. Muitas vezes minhas aulas eram diálogos onde falavam sobre suas vivências, relações familiares e expectativas para o futuro.

Preparava aulas bastante dinâmicas, com acolhimento, trabalhos manuais, apresentação do conteúdo curricular, além de intermináveis rodas de conversa. Sempre levava materiais diversificados como revistas, sites interessantes, artigos de jornais, para contextualizar os conteúdos.

Tentava fazer com que se apaixonassem pela Educação, assim como um dia uma Professora que tive nesta mesma escola fez comigo. Esta Professora que citei, inclusive foi minha colega de trabalho nesta instituição. Sendo que hoje, já não

tinha mais ânimo para encantar seus alunos como fez comigo há 14 anos atrás, pois os professores que ali estão hoje refletem a sociedade atual, agressiva, tensa, ofensiva, egoísta e sem limites.

Palavrões, verbos mal conjugados, verbetes com vocábulos trocados, frases inacabadas, é forma como os alunos se expressam até durante a apresentação de trabalhos.

Dizia aos meus alunos que o meu maior desejo era que quando eu tivesse filhos, e que chegasse a uma escola para matriculá-los, gostaria de ver um de meus alunos como professor, pois saberia que ali meu filho receberia uma educação escolar de qualidade, pois aquele era um educador que tive o prazer de ajudar a construir. Mas infelizmente, poucos foram os alunos que tive que verdadeiramente se afetavam com minha euforia pedagógica e sentiam orgulho de si próprio, ou acreditavam na própria capacidade.

E o trabalho da escola com os computadores, as TICs? Há motivação dos alunos quanto ao uso desse recurso didático em sala de aula?

Nesse clima que relato, não há nenhuma disposição dos professores. E os alunos só querem saber de salas de bate papo.

Quais eram suas perspectivas? O que você encontrou? Porque você deixou?

Exonerei uma matrícula que na Prefeitura de Niterói que já tinha sete anos, um bom vencimento, enquadramento, plano de carreira sólido e vários benefícios incorporados ao salário, para assumir esta matrícula no Estado.

Entre para lecionar acreditando que estaria realizando um sonho de “primeiro amor pedagógico”, pois quando estava no curso de formação de professores, meu maior desejo era ali voltar para fazer com que jovens despertassem para seu futuro tanto quanto eu. Me vi totalmente frustrada! As meninas não eram como eu! É claro, a vida da maioria delas tinha sido bem mais dura e difícil que a minha!

O ensino luta muito para ter boa qualidade, mas os alunos não conseguem acompanhar o programa. Tenho ótimo relacionamento com os alunos que foram meus muitos me mandam depoimentos e scraps nos sites de relacionamentos sociais, sempre envolvidos de afeto e carinho.

Procuro sempre manter contato e os auxilio, mesmo que de longe em assuntos pessoais e escolares. Gosto de estar envolvida mas, não consegui

continuar ansiosa e aflita, sofria a cada trabalho, prova, teste que eu tinha medir o aluno, um indivíduo vitimado pelo descaso do poder público e por suas famílias. Além do mais me sentia diminuída e humilhada quando chegava o grande dia do pagamento: R\$ 680 para planejar, executar e avaliar? Não! Nem na educação Infantil e no Ensino Fundamental fazemos só isso! R\$ 680 para planejar, executar, avaliar, se entregar, não dormir, pesquisar, discutir, ouvir desaforos e elogios também, envolver-se nos problemas alheios, ser pai, mãe psicólogo, terapeuta, orientador sentimental, amigo, parceiro, companheiro, estimulador, enfim, são tantas as atribuições que eu nem sei quanto vale meu trabalho, mas R\$ 680? Eu tenho certeza que meu trabalho tem mais valor! Agora exonerei o Estado e assumi minha 2ª matrícula na Prefeitura do Rio de Janeiro, onde só trabalharei com educação Infantil, visto que este concurso prestado foi especificamente para Professor de Educação Infantil. O salário? Não é tão melhor, mas certamente terei menos frustrações e me sentirei menos culpada, ansiosa e aflita. Minhas colegas de trabalho costumam dizer que sou um “furacão pedagógico”! Amo a Educação, mesmo depois de tantas desilusões, amo ver o conhecimento em ebulição.”

3.2 Os jovens Alunos do Ensino Médio

De acordo com os relatos dos alunos nas duas Escolas pesquisadas: Escola Estadual Barão do Rio Branco e Colégio Estadual José Maria de Brito no qual 210 alunos foram pesquisados obteve-se a seguinte leitura: (ver os anexos A, B).

3.2.1 Conhecimentos de Informática

De algum modo todos tiveram ou têm algum relacionamento com a tecnologia atual, inclusive o uso da Internet. Todavia, ainda de forma desordenada, sem objetividade e, portanto, a mercê das informações sem nenhum critério ético e muito pouco prático, principalmente, por que lhes falta uma orientação segura e abalizada.

Empregam seu conhecimento, em redes sociais e jogos, muito pouco ainda, em pesquisas. Mesmo porque, sem acesso continuo (não têm computador e internet

em casa), utilizando-se do acesso temporário (casa de amigos ou parentes, Lanhouse, etc.) e, sem ensino na escola (têm equipamentos, mas não têm professores) fica lhes faltando continuidade.

O conhecimento da informática no espaço escolar é importante, tanto para alunos quanto para professores.

A tecnologia se tornou como já citamos em todo o texto da pesquisa uma importante ferramenta de estudo e pesquisa. Os alunos do ensino médio, ou melhor, todo o alunado em todas as esferas, ou, níveis de ensino ao utilizarem o computador trabalham em um ambiente multidisciplinar e interdisciplinar, ou seja, não só recebem informações, mas constroem conhecimentos, formando assim um processo onde o professor educa o aluno e ao educar também se enriquece. É uma geração criativa, que inova, principalmente no campo do conhecimento. Para que haja progresso na educação, os professores precisam evoluir para conseguir manter o diálogo com seus alunos. O recurso didático que informática proporciona, ajuda a desenvolver os assuntos tradicionais com novas metodologias, auxiliando no processo de aprendizagem. A função do professor também é o de mediador na construção do conhecimento.

Então, o computador pode ser o parceiro daquele que ensina, proporcionando um ambiente de propício ao aprendizado transformando as formas de ensinar.

As TIC's, então, deverão estar a serviço de projetos educacionais, gerando condições aos jovens desenvolverem seus trabalhos, pesquisas, projetos (ou atividades extracurriculares), o computador é um meio onde desenvolvemos inteligência, flexibilidade, criatividade e inteligências mais críticas.

Se a educação se esgotar no processo de transmissão dos conhecimentos e dos valores criados por gerações passadas sem a elaboração de conhecimentos novos, sem questionamento de valores, sem inventividade e inovação, não teremos evolução cultural, social, tecnológica e educacional. Deixará de haver progresso e estaremos estagnando ou retrocedendo.

Portanto, as TIC's devem se integrar à realidade dos alunos, que vem para a sala de aula com uma bagagem, um conteúdo. A partir do conhecimento que esses alunos trazem deve-se desenvolver o trabalho educativo com a informática, não só utilizar o computador como ferramenta, mas como recurso interdisciplinar, constituindo-se também em um instrumento a mais com que a escola se possa

contar para melhor desenvolver as atividades, projetos com os jovens, alunos do ensino médio.

A introdução dos computadores no cotidiano da educação apresenta aspectos positivos e negativos. Para que uma escola possa implementar a informática, é necessário ter um plano pedagógico, com os objetivos de sua utilização como instrumento educativo e a escolha do software educativo possa ser usado para auxiliar a equipe pedagógica e docente a alcançar mais facilmente os objetivos educacionais propostos, não deixando, que o computador seja utilizado de forma indevida. Orientando quanto a navegar na internet. A importância de saber com que estão lidando. Os perigos causados por uso sem a ética (netiqueta) principalmente nas redes sociais. Capacitar professores e esses seus alunos se tornou imprescindível. Enfim, resumindo é necessário integrar o ambiente escolar e o corpo docente, desenvolvendo assim a sociabilidade dos alunos e a familiaridade dos professores com o mundo da tecnologia.

Percebe-se que todos os problemas na educação não se resolveram com o computador, ele por si só não salvará o ensino. Há um complexo conjunto de itens que precisa ser revisto como a pesquisa apresenta e as TIC's não vão substituir a inteligência, a criatividade que são inerentes ao ser humano, apenas as desenvolve.

3.2.2 Novos estilos de vida

De acordo com os resultados da pesquisa, os alunos, antes de serem discentes, são membros da geração internet que relaciona afetivamente a partir de uma nova visão de valores. Este estilo de vida exige dos pais e educador um diálogo maior e mais efetivo e, com uma abertura jamais vista. Antes do diálogo na escola, jovens e adolescentes navegam em centenas de sites, trocam hipertextos falando de seus sentimentos e desejos. Meninos e meninas, de perto e de longe, enviam e-mails, imagens, clips e informações sobre amizade e namoro. Estudantes de todas as classes sociais buscam grupos de interesses na rede para falar de seus relacionamentos e para curtir momentos juntos.

Ainda que desordenado e desorientado esta geração está descobrindo novos valores, estabelecendo novos estilos de vida e gerando grandes mudanças sociais e culturais na família, na escola, na Igreja e na sociedade. Essas mudanças

que influem no comportamento social e afetivo das pessoas são resultados, sobretudo, da ação das novas tecnologias da informação e da internet.

Essas transformações rápidas e contínuas têm um grande impacto no modo de pensar, de sentir e de viver dos adolescentes e jovens de hoje. Diferentemente de outras gerações, os membros da geração internet vivem intensamente um fenômeno social denominado “estilo de vida”.

Nas escolas, nos deparamos, na maioria das vezes, com atividades que exigem muita criatividade e para isso é preciso ter coragem de enfrentar novos desafios e, principalmente, não ter medo de errar. Ser criativo depende, antes de tudo, de autoconfiança e confiança no outro. Isso tem sido feito por meio de projetos.

Léa Fagundes fala em artigo da Secretaria de educação à distância, do Programa de Informática da educação (1999) que nos aponta que aprender por projetos é uma forma inovadora de romper com as tradições educacionais, dando um formato mais ágil e participativo ao trabalho de professores e educadores. Trata-se mais do que uma estratégia de aprendizagem, sendo um modo de ver o ser humano construir, aprendendo pela experimentação ativa do mundo. Ao elaborar seus projetos, o professor conduzirá seus alunos a um conjunto de interrogações, quer sobre si mesmo, quer sobre o mundo à sua volta, levando o aluno a interagir com o desconhecido ou com novas situações, buscando soluções para os problemas.

E continua Fagundes esclarecendo, em seu artigo, que não podemos confundir aprender por projetos com ensino por projetos. Aprender por projetos é levar o aluno a construir seus conhecimentos, despertar sua curiosidade, seu desejo, sua vontade de cada vez mais aprender. O ensino por projetos é apenas transmitir conhecimento ao aluno e este não tem a chance de questionar, de formular problemas, se tornando um depositário de informações. O aluno só aprende por projetos, tornando-se um "grande pesquisador", quando indaga, investiga e levanta hipóteses para solução de seus problemas.

Pensando Soluções:

A capacitação de professores é o primeiro ponto. Com as mudanças acontecendo nas políticas educacionais, tentativas de dar melhor qualidade ao trabalho realizado, não se tem verificado a preparação deles. O currículo, por

exemplo, percebe-se que as alterações realizadas trouxeram uma carga horária maior e incompatível com algumas áreas, diz o professor do ensino médio entrevistado. Outra questão diz respeito à carreira, sentir-se valorizada faz a diferença.

Professores reclamam do descaso já há décadas, o que tem gerado uma evasão nos cursos para formação de professores. Além disso, o grande número de alunos em sala de aula, a violência das áreas de risco de alguns bairros a falta de segurança e de mínimos de recursos básicos na manutenção das unidades escolares. O professor Antonio Sérgio Martins de Castro* coordenador pedagógico, faz uma observação: “A flexibilização do currículo do Ensino Médio pode ser um fator importante para que as mudanças surtam efeitos positivos. Mas preocupa muito o fato de que escolas (diretores, coordenadores e professores) produzam mudanças significativas em seus currículos, entregando a execução dos trabalhos aos professores com formação deficiente. Pode ocorrer um efeito contrário e a situação se agravar. Também é necessário que as universidades acompanhem de perto as mudanças curriculares para que se promovam processos seletivos que estejam compatíveis com essa realidade.(...). O chamado “funil” do Ensino Médio nos mostra uma realidade em que fazer escolhas é muito difícil, especialmente no que diz respeito à carreira a ser seguida. A rede pública tem vagas insuficientes e poucos têm condições de custear uma universidade particular.”

Wanda Engel, em entrevista na folha de São Paulo, fala sobre o ensino médio. *“Seria necessário um compromisso com metas claramente definidas, tais como universalizar o acesso e a permanência dos jovens entre 15 e 17 anos, melhorar o desempenho e diminuir o abandono, aumentar a autonomia das escolas, promover maior estabilidade das equipes de direção e flexibilizar os currículos, mas definindo para cada série.*

Se a tecnologia expandiu as redes, o que estamos fazendo para que esses jovens atuem nessas redes?

Os jovens participam de uma geração em que a tecnologia está avançada, com muitos recursos em torno e com informações que chegam de maneira rápida e em tempo real. Mas ainda necessita de atenção, orientação.

* Antonio Sérgio Martins de Castro é coordenador pedagógico e gerente de Mídias Digitais dos Sistemas de Ensino da Editora Saraiva.** Publicado originalmente no site Plena Mulher.

É importantíssimo dar melhor formação para essa juventude, gerar oportunidades para quem dêem continuidade a sua formação, com fim do mercado de trabalho ou buscando uma universidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho faça-o com o entendimento de que se o aparecimento das tecnologias digitais provocou, inicialmente, paixão e entusiasmo, as práticas reais estão muitíssimo distantes das expectativas criadas. As tecnologias serviram, sim, muitas vezes para trazer renovo a comprovado métodos pedagógicos, e o ensino magistral encontra-se curiosamente fortalecido. Todavia, com as tecnologias digitais, verifica-se a possível individualização das ações de formação e a diversificação das modalidades didáticas. Conseqüentemente, os novos meios oferecidos aos formadores exigem que a instituição, o formador e o conjunto de atores sociais se apoderem dessas inovações técnicas para evoluir em suas práticas e seus ofícios.

A educação requer políticas públicas, de formação docente, capacitando para o uso das tecnologias da informação e comunicação – TIC's, entretanto, não bastam oficinas e sim formação continuada, pois não adianta sofisticar a técnica se o professor não estiver sofisticado na alma, nos fundamentos, não souber o que deseja os seus alunos.

Nas escolas pesquisadas e relatos, percebe-se que o espaço do laboratório de informática, existe com equipamentos de excelente qualidade, entretanto, não há o professor, para dar instrução, orientar quanto aos programas, para o uso dos mesmos. E quando há um professor capacitado, se este possui outra competência de ensino, como por exemplo, português ou literatura que possa atender, o professor não permanecerá na informática. Penso que se poderia conciliar, dentro da informática, trabalhar com a literatura ou o português. No entanto, não é isso que foi observado na pesquisa. Por este motivo, as grandes maiorias dos alunos responderam na pesquisa que não reconhecem o laboratório de informática, mesmo sabendo do espaço e do equipamento. O valor do equipamento que onera o orçamento do estado, visto que esses equipamentos em geral é de última geração e exige manutenção, mas não é usado efetivamente para o fim devido, que é ser utilizado como recurso didático..

Permitir as novas gerações ter acesso a um universo de informações, navegar com autonomia, descobrir, estabelecer relações, rompendo com a linearidade (competências necessárias ao mercado de trabalho).

Percebe-se que se os professores das outras disciplinas estivessem capacitados e engajados, sem resistência a tecnologia e ao uso do equipamento, poderiam concomitante com sua disciplina desenvolver o trabalho da informática, capacitando esses jovens, que entram sem conhecimento e saem da mesma forma, a não ser que suas famílias tenham condições de investir na sua educação. Esses jovens fazem uso do computador, e da internet, mas muitas vezes é utilizada de forma empobrecida – crianças e jovens deveriam fazer valer a denominação de nativos digitais – só orkut? msn? isso não é formativo.

O balanço dos exames acurados da literatura disponível sobre o assunto e nossas entrevistas nos mostra como a diversidade das abordagens pedagógicas nos revela as falhas para um bom desenvolvimento de trabalho com esse jovem que sai para o mercado de trabalho sem um preparo adequado. As reações dos estudantes devem incitar-nos a uma busca urgente e premente da abertura de nossas formações.

É bem verdade que o nível dos dispositivos, os progressos tecnológicos, são notável, porém, o trabalho não nos parece acabado, ao contrário estamos dando os primeiros passos para experimentarmos a mutação da formação escolar tão decantada por múltiplos autores. Sem dúvida, as escolas não podem mais ser concebidas sem utilização dessas tecnologias que já ha muito influenciou fortemente o mundo da cultura, das mídias, da informação e da sociedade. Vimos, ao longo desta pesquisa, que o ensino é questionado em virtude da abertura dos procedimentos educacionais tradicionais.

O trabalho de pesquisa possibilitou assistirmos à eclosão da unicidade pedagógica: um professor, um aluno, uma disciplina. Claro, que uma evolução dessa magnitude promove o surgimento de inúmeros problemas, e a realidade do uso desse viés nem sempre consegue avaliar o uso e resultados, as metas prescritas ou previstas nos discursos, ou seja, muito se discursa e pouco de fato se faz.

Trouxemos a lume extraordinárias inovações que estão em andamento, embora as concepções e os paradigmas pedagógicos ou epistemológicos em sua maioria, sejam contraditórios. Porém, percebe-se que somente com o tempo essas inovações, mais abertas, mais interativas, terão mais espaço no ensino e no aprendizado. Essa nova forma de ensinar e aprender mobilizará os diretores, os professores e os alunos, conferindo um sentido mais atual à ação de atividade e interatividade. Sem dúvida o ciberespaço é uma alavanca de formação, que ao invés

de conduzir das práticas, produzirão novas práticas, reais coletivas e mais autônomas. Levantamos alguns aspectos importantes observados na pesquisa:

1. As transformações das práticas educacionais e das condutas profissionais não podem acontecer sem uma supervisão eficaz e contínua deste processo. A resistência ainda que fútil é perceptível aos formadores em virtude das dificuldades que eles próprios experimentam na recontextualização de suas práticas. Faz-se necessário redimensionar a percepção de que o ciberespaço é mais do que uma simples transformação tecnológica ou uma evolução da maneiras de fazer. É consenso entre os autores que toda tecnologia é primeiramente adotada pelos usuários e que essa negociação técnico-social esta na ordem do dia. Nessa situação, cada um de nós tem de inventar ou recontextualizar as ações de professores e alunos, é uma das diretrizes fundamentais de renovação para os dispositivos da formação.

2. A Comunicação ficou transparente a todos que é preciso repensar as inter-relações entre a abordagem comunicacional e didática. Nesta nova visão do ensinar e o aprender, é imprescindível tecer ligações entre os professores que detêm conhecimentos e os profissionais da mídia.

Está claro, porém, que a unidade dessas duas condutas ainda é muito pouco estudada, o que nos incita a aprofundar essas diretrizes da pesquisa. Se todo ensino é midiático, então devemos rever nossas formações profissionais e avaliar as inter-relações entre ensinar e comunicar.

3. A colaboração – a presente pesquisa nos conduz a pensar que a evolução dos dispositivos de formação com o ciberespaço é levar em conta a dimensão de um processo de ensino-aprendizagem que há muito foi concebido como bilateral. Assim, os procedimentos do trabalho no contexto do ciberespaço são essencialmente colaborativos, e ainda temos de construir as condições coletivas dessas interações. O engajamento nessas práticas permite que muitos se reconheçam em sua comunidade de ações que permitem os projetos individuais e coletivos.

Finalmente, somente haverá continuidade desse debate, a pesquisa da educação deve explicitar mais ferramentas de análise, definir linguagem de referência e compreender melhor os processos em jogo. .

Levar em conta essas dimensões pode nos ajudar nas tecnologias digitais e no ciberespaço. O espaço educacional é conteúdo não mais em um eixo geográfico, mas resulta da atenção entre as tecnologias de rede e prática sociais em

interconstrução. Nessa obra coletivamente, no sentido do termo, uma construção específica e inacabada que hoje testemunha o movimento sensível da prática e dos dispositivos de formação. Espero que a variedade de abordagem ou ângulos de análises complementares, a escolha disciplinar e científica distintas que foram reunidas nesta pesquisa permita lançar um olhar científico concernente às práticas exclusivas do ciberespaço, da formação dos jovens do ensino médio e da formação do professor.

Verifica-se uma carência de instrumentos que auxiliem aos professores, e equipes pedagógicas, seja fóruns com espaços de discussão, de criação, de reafirmação de valores e de formas de trabalho, assim como de troca de experiências e de aprofundamentos teórico-conceituais. Faz-se necessário um olhar diferenciado para esse jovem do ensino médio de uma geração virtual, parte da cibersociedade, diferente do jovem dos anos 1980,1990, esse jovem tem uma preocupação planetária, com o social e o meio ambiente.

Desenvolver um trabalho na grade curricular dos formadores e dos alunos que dê motivação provoque sua criatividade, que aproxime professores e pensadores, propositores de políticas públicas em prol de uma educação de qualidade. Não seja somente um período a cumprir no processo educativo, para galgar uma Universidade, mesmo porque o Ensino médio público extremamente carente de professores, muito dificilmente conseguirá atingir o objetivo de levar esses jovens a Universidade pública e dar competência a esses jovens para o mercado de trabalho tão competitivo.

Possibilitar o debate entre todos os envolvidos nesse segmento do Ensino é importante para se agir de forma positiva e contribuiria substancialmente para a formação de docentes e de equipes pedagógicas e jovens do ensino médio.

No final da pesquisa, percebe-se que o trabalho de interatividade e projetos é um caminho a se pensar e seguir com resultados, Orientando os alunos para o mundo do trabalho e para a vida, despertando sua consciência crítica, Ao mesmo tempo direcionando-os com os princípios éticos imprescindíveis para uma vida plena na sociedade real ou virtual. Assim a escola contribuirá para fazer do ciberespaço uma ferramenta a serviço das práticas coletivas e autônomas do ensino e da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. *Para uma filosofia do ato responsável*, São Carlos – SP; Pedro e João Editores, 2010.
- BARROS, M. E. B. de. *A transformação do cotidiano: Vias de formação do Educador – a experiência de administração de vitória*. Vitória: Enquete. 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. "Os estudos literários hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*)". In _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. Prefácio de Tzvetan Todorov. 4 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CHAUÍ, Marilena. *O mundo da prática*. In: Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1994.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COLL, Cesar S. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Correio eletrônico: Disponível em <<http://helenice3@hotmail.com>> acesso em março/2011.
- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1998.
- DERTOUZOS, Michael. *O que será. Como o novo mundo da informação transformará nossas vidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DILLENBOURG, Pierre. (1999). Introduction: What Do You Mean By «Collaborative Learning»? In Pierre Dillenbourg (Ed.), *Collaborative Learning: Cognitive and Computational Approaches*. Amsterdam: Pergamon.
Disponível em: <<http://tecfa.unige.ch/tecfa/publicat/dil-papers-2/Dil.7.1.14.pdf>>
- FAGUNDES, Léa et al. *Aprendizes do Futuro: as inovações começaram! Coleção Informática para a Mudança na Educação*. Ministério da Educação. Secretaria da Educação a Distância. Programa Nacional de Informática na Educação, 1999.
- FERACINE, Luiz. *O professor como agente de mudança social*. São Paulo: EPU, 1990.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.
- _____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREITAS, Lourival C. de. *Mudanças e inovações na educação*. 2. ed. São Paulo: EDICON, 2005

GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente; A teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GATES, Bill. *A estrada do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GILDER, George. *Vida após a televisão; vencendo na revolução digital*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

GARCIA, Walter Esteves. *Estado, Política Educacional e Inovação Pedagógica. Público e Privado*. Nº 5 – jun/jul, 2003.

GRINSPUN, Míriam Paura Sabrosa Zippin. *Paradigmas em educação: avaliação e perspectivas*. In: *Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 29-40, jan./mar. 1994.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 7ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

_____. *Aprendizagem mediada pela tecnologia*. In *Diálogo Educacional*. Curitiba: PUC/Champagnat, v.4, n 10, set./dez., 2003, p.47-56.

LEMOS, A. *Ciber-cidades*. In: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_and1.htm. Acesso em 3 de janeiro de 2003.

_____. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 4 ed., 2008.

LEVY, P. (1999): *Cibercultura*. São Paulo: Escuta, Ed. 34.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*.

3 ed São Paulo: Loyola. 2000.

_____. *As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: 34 Ed, 1993.

LIBÂNEO, Jose Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, Para quê?* 2 Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

LYON, Harold C. *Aprender a sentir - sentir para aprender*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MASETTO, Marcos (Org.). *Docência na Universidade*. Campinas: Papyrus, 1998.

MORAIS, Raquel de Almeida, LACERDA Gilberto. *Educação e Sociedade Tecnológica*. Site: <www.revistaconecta.com/conectados/rachel_edu_soc_tec.htm>. Acesso em: abril / 2011.

MORAN, José Manuel. *Mudanças na comunicação pessoal*. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Internet no ensino. Comunicação & Educação*. v. 14, jan./abr. 1999, p. 17-26.

_____. *A inteligência coletiva; por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU, 1992.

_____. *Como ver televisão; leitura crítica dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Aprendendo a viver*. São Paulo: Paulinas, 1999.

NEGROPONTE, Nicolas. *A Vida Digital*, São Paulo. Companhia das Letras – 1995

ORTIZ, R., *Mundialização e cultura*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAPERT, Seymour. *A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

POSTMANN, Neil. *Tecnopolio*. São Paulo: Nobel, 1994.

ROGERS, Carl. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros, 1971.

SEABRA, Carlos. *Usos da telemática na educação*. In Acesso; Revista de Educação e Informática. São Paulo, v.5, n.10, p.4-11, jul., 1995.

SHAFF, Adam. *A Sociedade Informática*. São Paulo: Brasiliense-UNESP, 1992.

SILVA, M. T. C. da; SILVA, C. A. F. (1999): A dimensão socioespacial do ciberespaço: *uma nota*. *Revista da Pós-graduação em Geografia - Geographia, Niterói, n.º 2*.

SILVA, Marco. *Sala de Aula Interativa*. **3.ed.** Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

TOFFLER, A. *A terceira onda: A morte do Industrialismo e o nascimento de uma nova civilização*. 26. ed. Rio de Janeiro. Record . 2001.

GLOSSÁRIO

BIT	= Cada impulso eletrônico
BYTES	= Um conjunto de oito impulsos eletrônicos reunidos numa só unidade.
ERA DIGITAL	O mundo virtual é um ambiente de interação fornecendo múltiplas formas e espaços de aprendizagem, espaços nos quais os sujeitos podem interagir e construir conhecimento.
VIRTUAL	= Popularmente, chama-se "virtual" tudo aquilo que diz respeito às comunicações via Internet.
CIBERNÉTICA	= É uma tentativa de compreender a comunicação e o controle de máquinas, seres vivos e grupos sociais através de analogias com as máquinas cibernéticas (homeostatos, servomecanismos etc.).
CIBERESPAÇO	= É um novo meio de comunicação que surgiu da interconexão mundial dos computadores.
REDE SOCIAL	= São relações entre os indivíduos na comunicação por computador.
CIBERSOCIEDADE	= Refere-se a uma sociedade globalizada por meio de redes de computação, na qual seres humanos, máquinas e programas computacionais interagem, com uma série de estratégias originais de convívio coletivo em um contexto regido por "super-máquinas".
CYBERCULTURA	= Especifica conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.
CYBERBULLING	= É uma prática que envolve o uso de <u>tecnologias de informação e comunicação</u> para dar apoio a comportamentos deliberados, repetidos e <u>hostis</u> praticados por um indivíduo ou grupo com a intenção de prejudicar outrem.
NETIQUETAS	= Termo usado para regra de conduta na internet.
TECNOCIÊNCIA	= É um conceito amplamente utilizado na comunidade <u>interdisciplinar</u> de estudos de ciência e tecnologia para designar o contexto <u>social</u> e tecnológico da <u>ciência</u> .
TIC's	= Correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres.
EDUCAÇÃO ONLINE	= É a modalidade de <u>ensino</u> que permite que o <u>aprendiz</u> não esteja fisicamente presente em um ambiente formal de ensino-aprendizagem, assim como, permite também que faça seu

autoestudo em tempo distinto.

MÍDIAS DIGITAIS	=	Refere-se a mídia digital pode ser definida como o conjunto de veículos e aparelhos de comunicação baseados em tecnologia digital, permitindo a distribuição ou comunicação digital das obras intelectuais escritas, sonoras ou visuais.
WIRELESS	=	Significa “rede sem fio”, permitindo o acesso a redes (e conseqüentemente internet) via ondas de rádio, evitando assim o uso de cabeamento, ou seja, para acessar a internet, não precisa mais conectar o computador ao famoso “cabo azul”.
GERAÇÃO NET OU N-GEN	=	geração net.
BABY BOOM	=	É uma definição genérica para crianças nascidas durante uma explosão populacional - Baby Boom em inglês, ou, em uma tradução livre.
CHATS	=	Que em português significa conversação, ou bate-papo (termo usado no Brasil), é um neologismo para designar aplicações de conversação em tempo real. Esta definição inclui programas de IRC, conversação em sítio web ou mensagens instantâneos.
FORUNS	=	É uma ferramenta para páginas de Internet destinada a promover debates através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão.[1] Também é chamado de "comunidade" ou "board".
WIKIS	=	São utilizados para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o software colaborativo usado para criá-lo.
ORKUT / MSN / FACEBOOK	=	sites de relacionamento na internet.

ANEXO A - QUESTIONÁRIOS

Este questionário tem por finalidade pesquisar sobre “o jovem, a educação e a tecnologia: perspectivas para o ensino médio da rede Estadual”. Sua resposta é importante para compor os dados, na minha dissertação de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Não serão divulgadas informações que identifiquem as pessoas que colaboraram com a pesquisa. Desde já agradeço sua atenção e participação.

Maria de Fátima Q.de Oliveira

Nome: _____

Idade: _____

Escola: _____

1) Usa o computador

() na escola () em casa na () lanhouse () outro lugar
qual _____

2) Você costuma usar a internet? () sim () não () as vezes

3) Quanto tempo de uso ? () até 3 horas () de 3 horas a 5 horas () + 5 horas?

Quantas: _____

4) Você utiliza o computador com qual finalidade?

() fazer pesquisa () bate papo () jogos () outros qual _____

5) Você tem aula de informática na escola: () sim () não

6) quantas vezes por semana?

() 1 () 2 () 3 () 4

7) O laboratório é liberado para os alunos em outros horários (horas livres) ?

() sim () não Por quanto tempo ? _____

8) você faz uso de páginas de relacionamento: () sim () não

quais:

() msn () orkut () facebook () chats () outros? qual / quais: _____

9) Você utiliza algum software de edição de textos, trabalho em planilhas, apresentação de slides?

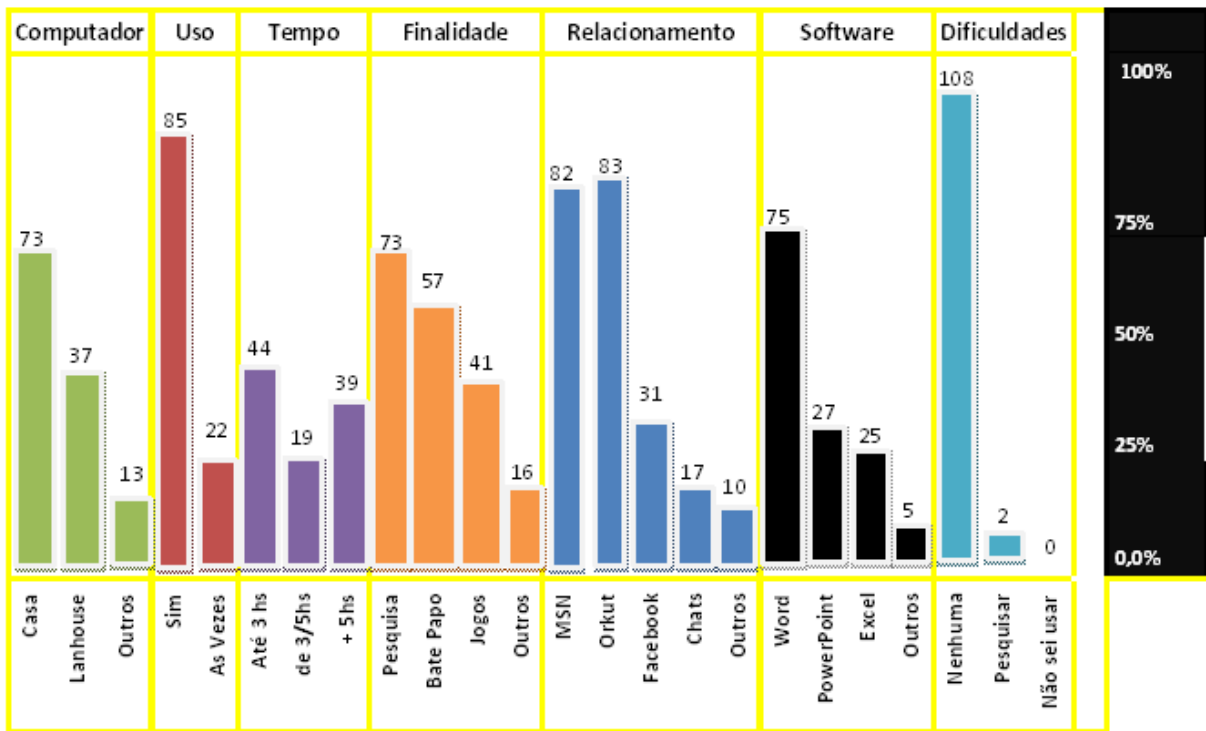
() sim () não

quais: () word () point () excel () outros qual _____

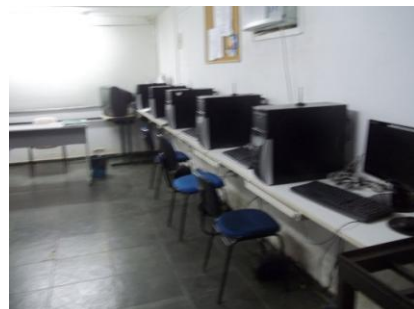
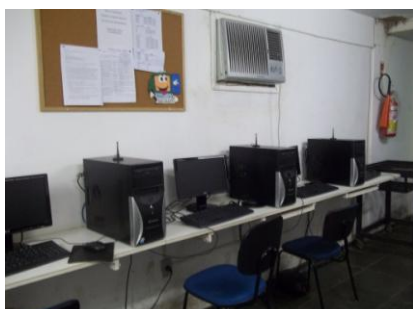
10) Qual sua maior dificuldade no uso do computador ?

Anexo B - Colégio José Maria de Brito: Fotos e gráfico estatístico

Colégio Estadual José Maria de Brito
Pesquisa: O Jovem, a educação e tecnologia:
“Perspectivas para o Ensino Médio na rede Estadual”
 Entrevistados: 110 alunos

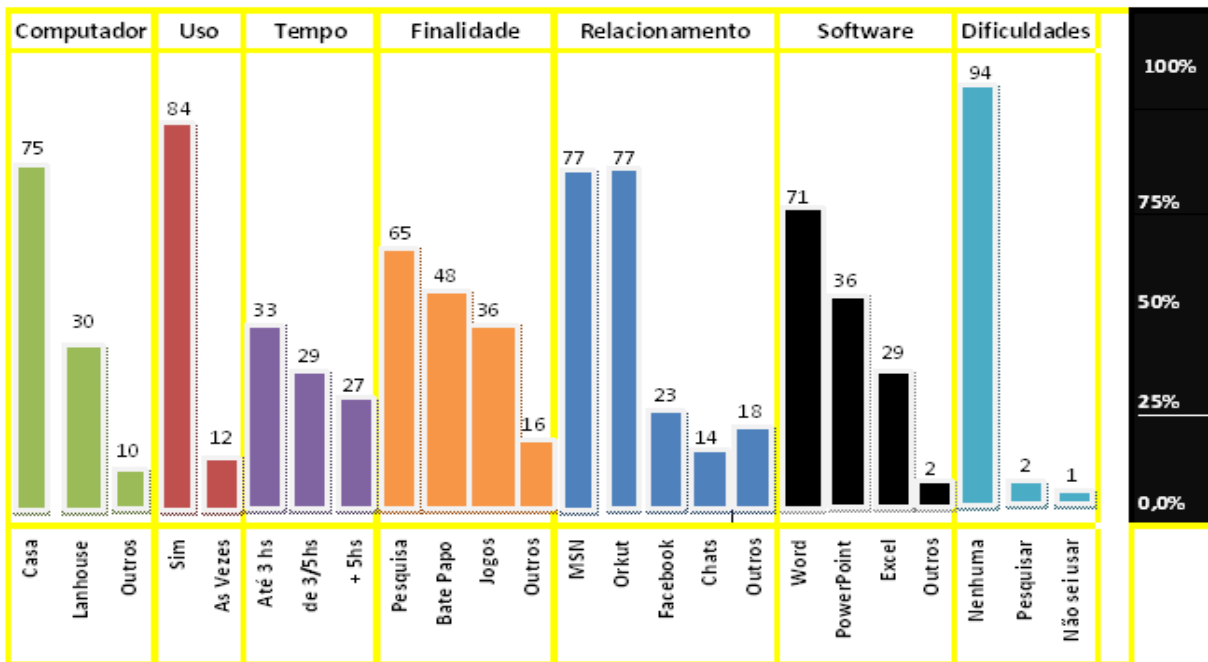


Sala de informática



Anexo C – Escola Estadual Barão do Rio Branco: Fotos e gráfico estatístico

Escola Estadual Barão do Rio Branco
Pesquisa: O Jovem, a educação e tecnologia:
“Perspectivas para o Ensino Médio na rede Estadual”
 Entrevistados: 98 alunos



Sala de Informática

